

Novo Ensino Médio



Redação

Literatura



Trilhas de Aprofundamento
Módulo II

O CURRÍCULO DO NOVO ENSINO MÉDIO

A Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), trouxe mudanças significativas para o ensino médio, determinando, entre os principais pontos: ampliação da carga horária mínima, foco na aprendizagem e no desenvolvimento integral do estudante, bem como uma nova organização curricular composta por Formação Geral Básica e Itinerário Formativo.

A organização curricular passa a ser composta pela Formação Geral Básica (com todos os componentes da BNCC) e pelo Itinerário Formativo, que tem como principal objetivo a flexibilização do currículo.

O currículo do Novo Ensino Médio traz competências e habilidades por área do conhecimento, permitindo maior integração entre os componentes curriculares e as áreas do conhecimento, o que possibilita ao estudante uma visão integral dos conhecimentos desenvolvidos ao longo de seu percurso formativo.

A parte flexível acontece por meio de Itinerários Formativos, que são compostos por arranjos curriculares a partir do aprofundamento das áreas do conhecimento ou formação técnica e profissional, alinhados com componentes curriculares obrigatórios.

Competências Gerais da BNCC

1. Conhecimento Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital.		2. Pensamento científico, crítico e criativo Exercitar a curiosidade intelectual e utilizar as ciências com criticidade e criatividade.	
3. Repertório cultural Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais.		4. Comunicação Utilizar diferentes linguagens.	
5. Cultura digital Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética.		6. Trabalho e Projeto de Vida Valorizar e apropriar-se de conhecimentos e experiências.	
7. Argumentação Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis.		8. Autoconhecimento e autocuidado Conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se.	
9. Empatia e cooperação Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação.		10. Responsabilidade e cidadania Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.	

Fonte: Inep.

O que são Itinerários formativos?

O itinerário formativo é definido como conjunto de situações e atividades educativas que os estudantes podem escolher, conforme seu interesse, para aprofundar e ampliar aprendizagens em uma ou mais Áreas do Conhecimento e/ou na Formação Técnica e Profissional.

Um dos principais propósitos dos aprofundamentos é a promoção de abordagens práticas e contextualizadas, que promovam um diálogo entre as realidades vividas pelos estudantes e os saberes trazidos pelas áreas do conhecimento. As propostas têm como princípio estimular os estudantes, orientados por seus professores, a vivenciar experiências práticas, lúdicas e reflexivas frente à produção ativa de conhecimento, viabilizando o protagonismo desses dentro do processo educativo.

ITINERÁRIOS FORMATIVOS — VOLUME II

Literatura e criação literária

Descritivo

Análise de registros escritos artístico-literários, com aplicação de conhecimentos sobre literatura, língua e linguagem, instigando leituras críticas, e, em especial, debruçando-se sobre a literatura brasileira. Ampliação do repertório literário, com associação de poemas, contos, crônicas e textos de imagem, culminando no exercício de fruição e reflexão sobre o processo de autoria.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais.
- Ampliar o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da língua e da linguagem.
- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Objetos de conhecimento

- Processo de autoria textual e oficinas de criação literária.
- Literatura, língua e linguagem.
- Produção literária.
- Redação.
- Descritivo

Redação

Atividades de produção escrita, leitura de temas diversos e assuntos gramaticais necessários para produção textual, envolvendo textos, visando orientar a produção de textos dissertativos, a partir de uma perspectiva interativa, a fim de permitir o aprimoramento da capacidade discursiva e textual do aluno, através do estudo de um sistema linguístico dinâmico e da convivência direta com a língua adequada à sua formação técnica.

Objetivos de aprendizagem

- Expressar oralmente e de forma escrita as ideias e opiniões;
- Aperfeiçoar a capacidade comunicativa do aluno;
- Desenvolver o hábito de leitura e escrita;
- Ampliar o vocabulário;
- Trabalhar a norma culta da língua;
- Oferecer condições para que o aluno produza de forma espontânea;
- Aperfeiçoar quanto à produção de textos dissertativos;
- Ser capaz de fazer autocorreção dos textos;
- Produzir textos dissertativos com coerência e coesão.

Objetos de conhecimento

- Compreensão e análise de textos escritos e orais.
- Contextos de produção, circulação e recepção de textos escritos e orais e de atos de linguagem.
- Recursos linguísticos e seus efeitos de sentidos.

Relações entre os aspectos éticos, estéticos e políticos de gêneros textuais diferentes e a intencionalidade do autor.

REDAÇÃO



REDAÇÃO

PARA INÍCIO DE CONVERSA



A REDAÇÃO DOS VESTIBULARES E CONCURSOS

Estrutura, tópicos importantes, características do texto dissertativo-argumentativo

Todos nós já nos vimos sem “saber o que escrever” diante de uma proposta de redação. Vale ressaltar que quando se fala em “redação” estamos falando do ato puro de redigir — antes da escrita, é necessário saber que tipo de texto temos que produzir.

A maioria dos textos solicitados em concursos públicos e vestibulares é da tipologia Dissertativo-argumentativa. Isso significa que você receberá determinado tema e deverá formular uma tese (opinião defensável) a respeito dele, defendendo essa tese com argumentos.

Lembre-se: a tese apenas precisa ser defensável. Você não precisa concordar com a coletânea dos textos de apoio ou com a opinião expressa ali por algum especialista: os textos motivadores servem apenas para dar um “norte” àqueles que precisam de repertório sobre o tema e não possuem. Você não precisa recorrer a eles, mas eles podem ajudá-lo, caso esteja sem ideias para desenvolver o tema.



Existem alguns “*mandamentos básicos para uma boa redação*”. Vamos começar por eles:

1. QUANTO À ESTRUTURA:

a) Introdução

Classicamente, uma dissertação deve constar de 3 partes, e a introdução é a primeira delas.

— A introdução apresenta a ideia que vai ser discutida (tópico frasal, tese);

— A introdução é muito importante, pois é o primeiro contato que fazemos com o leitor do texto. Assim, deve atraí-lo, despertar-lhe o interesse;

— A introdução deve ser objetiva, simples. E sobretudo, não deve ser longa (geralmente um ou dois períodos);

— É importante, na introdução, falarmos do tema da redação, mesmo que (ou até obrigatoriamente, às vezes) tenhamos que usar as suas palavras, ou parte delas.

b) Desenvolvimento

— É o corpo (*corpus*) da redação. Sua parte principal. É aqui que aparecem as ideias, os argumentos, a originalidade. A introdução corresponde à tese. O desenvolvimento vem a ser o debate da tese. É a parte mais longa;

— Apresenta cada um dos argumentos ordenadamente, analisando detidamente as ideias e exemplificando de maneira rica o suficiente o pensamento;

— O desenvolvimento será a parte mais longa da redação, mas não a mais confusa! É isso o que acontece quando não se faz uma SELEÇÃO DE IDEIAS PRÉVIA, ou seja, quando não se sabe o que vai escrever antes de começar a escrever. Só comece a escrever quando souber quais são suas ideias, aquilo sobre o que vai escrever. E assim mesmo, estamos falando do rascunho;

Não há necessidade de muitas ideias (e, geralmente, nem há espaço para isso). O importante é que, mesmo sendo poucas, as ideias sejam corretas e

objetivamente expostas. Não se deve “cansar” o leitor com um milhão de argumentos diferentes, nem com períodos muito longos que, fatalmente, resultam confusos. A tese precisa apenas ser defensável.

c) Conclusão

— É o acabamento da redação. E, como não se deve iniciar abruptamente a redação, também não devemos acabá-la desse modo;

— A conclusão resume todas as ideias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição sobre o problema apresentado na introdução; portanto, é a comprovação da ideia apresentada na introdução e discutida no desenvolvimento;

— A conclusão, a princípio, é a retirada da melhor ideia que tivemos no momento da reflexão inicial sobre o tema. É a nossa posição em face de um problema qualquer, a sua possível solução, ou a projeção futura das consequências que podem advir caso não tomemos uma providência (não é “premonição!”);

— A exemplo da introdução, não deve ser muito longa, e ocupar somente um parágrafo.

Geralmente, espera-se uma proposta de intervenção social que respeite os direitos humanos e que conte com três aspectos: O QUE será feito, QUEM o fará e COMO o fará.

Bate-Papo

QUALIDADES BÁSICAS DE UMA BOA REDAÇÃO



Unidade:

— Reside no fato de o autor utilizar somente uma posição ou ideia central no decorrer de sua argumentação; em todos os parágrafos, as ideias se

sucedem numa sequência lógica, todas se complementando e enriquecendo a ideia-núcleo;

— Não deve haver pormenores desnecessários, nem redundâncias, o que acaba com o esquema anteriormente traçado.

Quanto à correção:

— Correção é a ausência de erros. Consegue-se realizar uma boa correção tendo como base as normas gramaticais. A função da gramática é ensinar a escrever corretamente, e na hora da escrita é que se deve colocar em prática todas as regras.

A clareza:

— Consiste na transmissão compreensível do pensamento. Além da concisão (ser direto) esse recurso compreende:

- para escrever claro é preciso pensar claro. Coloque seus pensamentos em ordem antes de começar a escrever. Reúna ideias e as coloque no rascunho de modo coerente;
- cuidado com frases muito longas, mas também não as use muito curtas, pois isso soa simplista;
- empregue a palavra precisa, correta. **SÓ EMPREGUE PALAVRAS CUJO SIGNIFICADO VOCÊ TEM CERTEZA!** Se não, nem use. Não queira “enriquecer” o texto com uma palavra difícil, às vezes, ela nem cabe no contexto da redação (e o Elitismo é também um vício de linguagem).

A concisão:

Concisão é expressar o máximo de ideias com o mínimo de palavras possível. Por isso, há a necessidade de um rascunho. Não é necessário ser extremamente direto, mas sim evitar expressões que causem redundância e/ou vícios de linguagem.

A originalidade:

Consiste em apresentar os aspectos, fatos ou opiniões de modo pessoal, sem imitação. É na originalidade que está a criatividade. Não se exige originalidade absoluta, afinal, tudo o que temos em nossa bagagem cultural já foi visto em algum lugar. O que se pede é que pelo menos fuja do lugar comum, ao vulgar, ao clichê. Evite a todo custo os ditados populares.

A coesão:

— Um texto coeso é aquele no qual as partes se relacionam entre si de modo adequado, criando um todo com sentido que pode ser captado pelo leitor. Cria-se um texto coeso utilizando-se os recursos da língua, os conectores como conjunções, pronomes, locuções, etc.



— Não abrevie palavras e escreva os numerais por extenso. Nas datas, somente o dia e o ano vêm em numeral.

— Se for usar siglas, especifique antes o que a sigla significa.

— Evite ficar repetindo palavras, use sinônimos ou pronomes relativos.

— Não escreva demais, mas também não fique no limite mínimo. Exemplo: dado um limite mínimo de 20 linhas, vá adiante umas duas linhas, pelo menos.

— Na falta de ideias, não fique de modo algum repetindo a mesma coisa com palavras diferentes.

— Não aumente o tamanho da letra para dar a impressão de que escreveu bastante, nem escreva tão pequeno a ponto de não conseguir enxergar (o avaliador não vai usar uma lupa para conseguir ler, se ele não enxergar, simplesmente não vai ler).

— Vale a regra: pensamento novo, período novo (não necessariamente um parágrafo novo).

ELEMENTOS COESIVOS: A IMPORTÂNCIA DE SE UTILIZAR OS CONECTIVOS CORRETOS

Nexos Oracionais

Para haver relação entre os segmentos do texto, tanto entre os parágrafos quanto entre os períodos, devemos utilizar palavras ou expressões que estabeleçam relações de sentido na redação, dependendo da situação.



Veja algumas possibilidades:

— introduzir ideias: Inicialmente, primeiramente, uma delas, em primeiro lugar, em segundo lugar;

— finalizar, fechar a análise: demais conjunções conclusivas, como logo, portanto, dessa maneira, desse modo, enfim, em vista disso, finalmente, por último;

— mostrar paralelos: já, paralelamente, ao mesmo tempo, concomitantemente;

— fazer referência a algo ou alguém: de acordo com, no que se refere ao, quanto ao, no que diz respeito a, como, conforme;

— comparar fatos, ações: como, parecer, semelhante, diferente, do mesmo modo, menos que, tão quanto, assim como, igualmente;

— mostrar causa de relação e consequência usando conjunções causais: como por isso, por causa de, devido a, em decorrência;

— apresentar um exemplo: como, por exemplo (entre vírgulas), para exemplificar;

— indicar a finalidade, o objetivo de uma ideia usando conjunções finais: com objetivo de, com o propósito de, com a finalidade de;

— apresentar oposição de ideias: mas, porém, todavia, no entanto, contudo, entretanto;

— para afirmar algo com veemência: é verdade que, é certo que, de fato, efetivamente, certamente, é inegável, é inquestionável, indubitavelmente, sem dúvida, irrefutavelmente, inquestionavelmente.

Agora é com Você

Daqui a pouco chegará a hora de você produzir seu próprio texto dissertativo-argumentativo. Antes disso, amplie o seu repertório e discuta com seus colegas a respeito do tema que será abordado: *“Invisibilidade e registro civil: acesso à cidadania no Brasil”*. Esse foi o tema do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2021.





PRODUÇÃO DE TEXTO

Chegou a hora de você desenvolver seu próprio texto dissertativo-argumentativo. Para isso, utilize os textos de apoio da prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano de 2021 e boa redação!

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

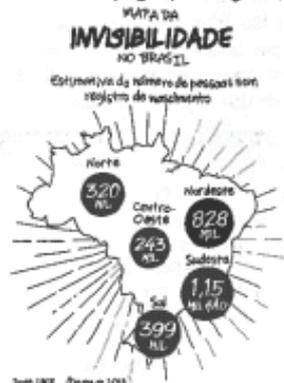
Toda sexta-feira, o ônibus azul e branco estacionado no pátio da Vara da Infância e da Juventude, na Praça Onze, Centro do Rio, sacoleja com o entra e sai de gente a partir das 9h. Do lado de fora, nunca menos de 50 pessoas, todas pobres ou muito pobres, quase todas negras, cercam o veículo, perguntam, sentam e levantam, perguntam de novo e esperam sem reclamar o tempo que for preciso. Adultos, velhos e crianças estão ali para conseguir o que, no Brasil, é oficialmente reconhecido como o primeiro documento da vida – a certidão de nascimento. [...]

Ao longo do discurso desses entrevistados, fica clara a forma como os usuários se definem: "zero à esquerda", "cachorro", "um nada", "pessoa que não existe", entre outras, todas são expressões que conformam claramente a ideia da pessoa sem registro de nascimento sobre si mesma como uma pessoa sem valor, cuja existência nunca foi oficialmente reconhecida pelo Estado.

ESCÓBIA, F. M. *Invisíveis: uma etnografia sobre identidade, direitos e cidadania nas trajetórias de brasileiros sem documento*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

TEXTO II

A Lei Nº 9 534 de 1997 tornou o registro de nascimento gratuito no Brasil. Só que o problema persiste, mostrando que essa exclusão é complexa e não se explica apenas pela dificuldade financeira em pagar pelo registro, por exemplo.



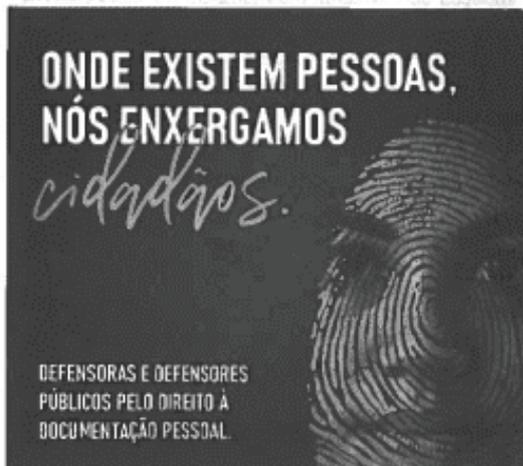
Disponível em: <https://estudio.r7.com/>. Acesso em: 22 jul. 2021 (adaptado).

TEXTO III

A certidão de nascimento é o primeiro e o mais importante documento do cidadão. Com ele, a pessoa existe oficialmente para o Estado e a sociedade. Só de posse da certidão é possível retirar outros documentos civis, como a carteira de trabalho, a carteira de identidade, o título de eleitor e o Cadastro de Pessoa Física (CPF). Além disso, para matricular uma criança na escola e ter acesso a benefícios sociais, a apresentação do documento é obrigatória.

Disponível em: <http://www.enem.leg.br/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

TEXTO IV



Disponível em: <https://www.ufpa.br/humanista>. Acesso em: 26 jul. 2021 (adaptado).



Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/enem-2021-confira-modelo-de-redacao-sobre-invisibilidade-e-registro-civil>. Acesso em: 05 jun. 2023.

LITERATURA



LITERATURA PORTUGUESA

PARA INÍCIO DE CONVERSA

A literatura portuguesa está dividida em três eras: a Medieval, nos séculos XII ao XV teve como característica o feudalismo o teocentrismo (Deus como o Centro). Na era clássica que tem como característica o Renascimento, nos séculos XVI e XVIII teve como base, restauração dos valores clássicos (Iluminismo). Já na Era Moderna ou Romântica era o momento da era das máquinas e da eletricidade.

Certamente o tempo em que o escritor vive influência e muito na construção de obras literárias, mas por meio da linguagem expressam essa substância.

SAIBA MAIS

Cronologia da Literatura Portuguesa

Era Medieval Século XII a XV

Trovadorismo: 1198-1434

Humanismo Pré-renascentismo: 1434-1527

Era Clássica Século XVI a XVIII

Classicismo Renascentismo: 1527-1580

Barroco cultismo e conceptismo: 1580-1756

Neoclassicismo/Arcadismo e Pré-romantismo: 1756-1825

Era Moderna ou Romântica Século XIX

Romantismo: 1825-1865

Realismo-Naturalismo: 1865-1890

Simbolismo e transição: 1890-1815

Modernismo Século XX

I. Geração Orpheu

II. Geração Presença

III. Neorrealismo

TROVADORISMO (1198-1418)

O Trovadorismo Português foi o movimento literário caracterizado por seu caráter popular, sem relação com a cultura da Antiguidade Clássica greco-latina. Era uma arte literária simples, voltada para o entretenimento, e devido a essa simplicidade e natureza popular tem a preferência pelo idioma galaico-português em vez de latim, que era a língua da literatura erudita da época. Recebe considerável influência da cultura provençal, através dos artistas nômades oriundos daquela região que chegaram à Península Ibérica naquela época. A lírica trovadoresca teve grande força na França naquela época, e sua influência acabou se espalhando por vários países da Europa.

O poeta era chamado de troubadour, cuja forma correspondente em Português é trovador, da qual deriva trovadorismo (que serve de rótulo geral dessa primeira época medieval), O poeta deveria ser capaz de compor, achar os versos e a melodia para sua cantiga. Eram poemas cantados e acompanhados por instrumentos musicais e às vezes danças. A poesia trovadoresca classifica-se em: **lírico amorosa e satírica**.

LÍRICA

Poesia lírica onde o trovador, de acordo com a “arte de trovar” confessa seu amor por uma dama inacessível aos seus apelos, entre outras razões por ser de classe social mais elevada, geralmente nobre, enquanto ele era, quando muito, um fidalgo decaído. O poema é um lamento suplicante, os apelos do trovador “colocam-se alto, num plano de espiritualidade, de idealidade ou contemplação platônica”. Trata-se de um fingimento poético, de acordo com as regras de conveniência social e da moda literária vinda da Provença. Retratam um sofrimento interior (coita de amor). Geralmente é o próprio trovador quem confessa seus sentimentos, dirigindo-se em vassalagem e subserviência à dama (mia senhor ou minha senhora O sofrimento segue uma ordem crescente, através das estrofes (cobra ou talho) sendo reforçado no estribilho ou refrão, onde o trovador pode rematar cada estrofe, reforçando a angustiante ideia fixa para a qual ele não encontra consolo. Em síntese, nas Cantigas de Amor, o trovador destaca todas as qualidades da mulher amada, colocando-se numa posição inferior (de vassalagem) a ela. A mulher é colocada num patamar elevado, idealizada, em geral por se encontrar em uma posição social superior.



As cantigas de amor não possuem variedade temática, sendo a temática mais comum o amor não correspondido.

Cantiga de amor

Nas Cantigas de Amor, o trovador destaca todas as qualidades da mulher amada, colocando-se numa posição inferior (de vassalagem) a ela. A mulher é colocada num patamar elevado, idealizada, em geral por se encontrar em uma posição social superior. As cantigas de amor não possuem variedade temática, sendo a temática mais comum o amor não correspondido. Além disso, reproduzem o sistema hierárquico do feudalismo, pois o trovador passa a ser o vassalo da amada (suserana) e espera receber um benefício em troca de seus “serviços” (as trovas, o amor dedicado, o sofrimento pelo amor não correspondido).

Cantiga de amigo

As cantigas de amigo focalizam o outro lado da relação amorosa entre ele e uma dama: o fulcro do poema é agora representado pelo sofrimento amoroso da mulher, em geral pertencente às camadas populares (pastoras, camponesas, etc.). O drama é o da mulher, mas quem ainda compõe a cantiga é o trovador.

Trata-se de uma poesia de caráter narrativo e descritivo e se classifica de acordo com o lugar geográfica e as circunstâncias em que decorrem os acontecimentos (serranilha, pastorela, barcarola, bailada, romaria, alva ou alvorada — surpreende os amantes no despertar dum novo dia, depois de uma noite de amor).

SATÍRICA

Cantiga de escárnio

A Cantiga de Escárnio revela uma sátira que se constrói indiretamente, por meio da ironia e do sarcasmo, usando palavras ambíguas, de duplo sentido.

Cantiga de maldizer

Na Cantiga de Maldizer, a sátira é feita diretamente, com agressividade, com palavras chulas e muitas vezes obscenas.



HUMANISMO (1418-1527)

Em Portugal, o Humanismo inicia-se quando Fernão Lopes, guarda-mor da torre do Tombo desde 1418, é encarregado por D. Duarte (filho de D. João I) de pôr em crônica as histórias de seus antepassados, e ou da sua promoção a Cronista-Mor do Reino, em 1434, e encerra-se em 1527, quando Sá de Miranda regressa da Itália trazendo a medida nova (ou o decassílabo). Pela primeira vez, é demonstrada uma preocupação com a História documentada, envolvendo a descrição dos fatos sociais fora dos parâmetros da Corte.



Neste período as cantigas medievais deixaram de existir, sendo substituídas por poesias mais elaboradas que passaram a ser escritas e impressas (ao invés de cantadas, como as cantigas do *Trovadorismo*). Esse tipo de poesia, que se restringia aos palácios e às pessoas mais nobres e cultas, era chamada de *poesia palaciana*. Além dela, destacamos o teatro de Gil Vicente e as crônicas de Fernão Lopes.

O Humanismo também é o período da história da Literatura Portuguesa situado entre a Idade Média e a Idade Moderna (Renascimento). O que vemos aqui é um momento onde o ser humano procura se valorizar mais, ou seja: o Teocentrismo (Deus no centro de tudo) e o domínio da Igreja Católica são substituídos pelo Antropocentrismo (o homem no centro de tudo). É uma época de grandes avanços científicos (destaque para Galileu, que provou a teoria heliocêntrica, dizendo que o sol é o centro do sistema planetário) e, assim, o homem passa a ser mais racional (Racionalismo).

Neste período as cantigas medievais deixaram de existir, sendo substituídas por poesias mais elaboradas que passaram a ser escritas e impressas (ao invés de cantadas, como as cantigas do *Trovadorismo*). Esse tipo de poesia, que se restringia aos palácios e às pessoas mais nobres e cultas, era chamada de *poesia palaciana*. Além dela, destacamos o teatro de Gil Vicente e as crônicas de Fernão Lopes.

TIPOS DE TEXTOS ESCRITOS NO HUMANISMO:

Poesia Palaciana (Poesia Lírica): é uma poesia mais elaborada do que as cantigas do Trovadorismo. É caracterizada por: redondilhas (maior e menor), ambiguidades, aliterações, assonâncias, figuras de linguagem. A visão da

mulher continua sendo idealizada, porém existe mais sensualidade e intimidade. Os sentimentos do eu-lírico são mais aprofundados.

Prosa: Crônicas de Fernão Lopes, crônicas que relatavam os acontecimentos históricos de Portugal. Fernão Lopes soube conciliar os fatos históricos às técnicas de narração com qualidade literária. Suas principais obras foram: “*Crônica d’El-Rei D. Pedro*”, “*Crônica d’El-Rei D. Fernando*” e “*Crônica d’El-Rei D. João I*”.

Teatro: Gil Vicente dá início ao teatro leigo (desvinculado do teatro cristão). Teatro rústico e primitivo, que critica o homem e os seus costumes com o propósito de reformá-los (teatro moralizante e reformador). Destaques: *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Lusitânia*, *Farsa de Inês Pereira*.

GIL VICENTE

A biografia de Gil Vicente é muito enigmática. Seria ele o ourives autor na famosa cruz de Belém? Nobre arruinado? O enigma continua a possibilitar teses a favor e contra, na busca de esclarecer as incertezas biográficas do grande teatrólogo português.



O concreto é que Gil Vicente mantinha proximidade aos integrantes da corte, em especial à rainha D. Maria, cuja homenagem ao nascimento do filho da monarca, mais tarde D. João III, Rei de Portugal, escreveu e interpretou o *Auto da Visitação* (também conhecido como *Monólogo do Vaqueiro*), no ano de 1502.

Com relação às incertezas da vida do mestre, Saraiva deixa a questão de lado, achando muito mais pertinente destacar o gênio vicentino e sua autenticidade como criador: “Se ele está vivo no meio das múmias que assinalam a história do teatro português, isso se deve certamente ao fato de que ele era Gil Vicente, o grande teatrólogo e não qualquer outra pessoa”. Com relação a Gil VICENTE não ter estudado formalmente, não ter bebido das fontes clássicas (...) “Seu autodidatismo possibilitou-lhe as condições de originalidade de sua estrutura artística, dando-lhe uma expressão singular, predispondo-o a representar de maneira objetiva, os valores culturais de seu momento histórico”.

Recebeu influências do teatro medieval e também de Juan Del Encina, dramaturgo castelhano, seu contemporâneo, e pode ser constatada na pintura dos quadros sociais ou através de citações direta ao mestre espanhol.

Durante trinta e quatro anos de produção dramática, pontilhados de algumas trovas, sermões e epístolas, ele nos legou 44 peças, sendo a primeira em 1502, com o Monólogo do Vaqueiro e a última Floresta de Enganos, no ano de 1536. No teatro de Gil Vicente, conviveram elementos característicos do medievo e do humanismo. “Em seu teatro desfilava uma verdadeira fauna humana, conforme Saraiva, sendo suas personagens muito mais tipos que se comportam segundo automatismos inveterados”. Dentre os ‘tipos’ sociais que desfilam nas peças vicentinas, podemos mencionar como mais recorrentes: a alcoviteira, o escudeiro pobre, o clérigo corrupto, a viloa casadoira, o almocreve, o sapateiro, os pajens etc.

Todos são descritos com mordacidade pelo dramaturgo. Gil Vicente foi autor e ator e suas representações, cheias de improvisos já previstos, são ricas, densas e variadas. Sua galeria de tipos humanos é imensa: o padre corrupto, o cardeal ganancioso, o sapateiro que explora o povo, a beata, o médico incompetente, os aristocratas decadentes, etc. Seus personagens não têm nome — são sempre designados pela profissão, assim registrando os tipos sociais que faziam parte da sociedade da época. O teatro era sua arma de combate e de denúncia contra a imoralidade. Sua linguagem, bastante simples, espontânea e fluente. Assim como os cenários e as montagens.

A relevância das quarenta e quatro peças de Gil Vicente não se exauriu até os nossos dias, fossem elas autos ou farsas, tratassem de temas cotidianos, fantásticos ou religiosos. A genialidade e habilidade de Gil Vicente fizeram dele o maior dramaturgo português de todos os tempos.

Os autos são peças teatrais que abordam principalmente a temática religiosa. Já as farsas são peças de caráter cômico. São mais curtas e são baseadas no cotidiano. Portanto, de modo geral, podemos destacar esses três aspectos no Humanismo: Gil Vicente (teatro moralizante que critica a sociedade), Poesia Palaciana (mais sensual e elaborada do que as cantigas do Trovadorismo) e Fernão Lopes (crônicas históricas com qualidade literária).

CLASSICISMO (1527-1580)

O marco inicial do Classicismo português é em 1527, quando se dá o retorno do escritor Sá de Miranda de uma viagem feita à Itália, de onde trouxe as ideias de renovação literária e as novas formas de compo-



sição poética, como o soneto. O período se encerra em 1580, ano da morte de Luís Vaz de Camões e do domínio espanhol sobre Portugal.

O Classicismo, desenvolvimento natural do Humanismo, difundiu-se, amplamente, durante o ímpeto revolucionário da Renascença, porque correspondia, no plano literário, ao complexo de superioridade histórica pelo qual passava o povo lusitano.

As transformações promovidas pelo desenvolvimento do Humanismo para construir o Renascimento foram:

- Ao teocentrismo medieval opôs-se uma concepção antropocêntrica do mundo; nessa concepção, ao contrário do que se acreditava antes, o homem é a medida de todas as coisas;
- Ao teologismo de antes, contrapõe-se o paganismo, como garantia de pleno gozo da existência, a partir da vitória do homem sobre a natureza;
- Ao predomínio do saber abstrato, opõe-se o saber concreto, científico e objetivo, que promove considerável avanço nas ciências experimentais;
- À mitologia greco-latina, imprime-se o pro processo de esvaziamento de seu conteúdo ético ou religioso; agora ela passa a funcionar apenas como símbolo ou ornamento.

Poesia

Ao lado das novas formas e dos versos decassílabos e dos sonetos, pode-se observar a permanência dos versos redondilhos e de certas formas medievais integradas à tradição do lirismo medieval, tais como a glosa e o vilancete.

A POESIA LÍRICA

Na lírica, Camões escreveu poemas em medida velha (redondilhas), na tradição da poesia palaciana, poemas em medida nova (decassílabos), sofreu influência direta dos humanistas italianos, principalmente de Petrarca. Seus principais tipos de composição poética são: o soneto, as écloas, as odes, as oitavas e as elegias. Os temas mais importantes são o neoplatonismo amoroso, a reflexão filosófica (sobre os desconcertos do mundo) e a natureza (confidente amorosa do amante que sofre). Na lírica amorosa, o eu lírico não

quer a realização física do amor porque entende que o sexo estraga o verdadeiro Amor, ou seja, o amor é analisado como uma ideia universal, como uma abstração pura e perfeita, que está acima de todas as experiências individuais:

Exemplo:

Transforma-se o amador na cousa amada, Por virtude do muito imaginar; Não tenho logo mais que desejar, Pois em mim tenho a parte desejada. Se nela está minha alma transformada, Que mais deseja o corpo de alcançar? Em si sómente pode descansar, Pois consigo tal alma está liada. Mas esta linda e pura semideia, Que, como o acidente em seu sujeito, Assim co'a alma minha se conforma, Está no pensamento como ideia; [E] o vivo e puro amor de que sou feito, Como matéria simples busca a forma.

(Luis de Camões)

De acordo com as duas primeiras estrofes, o eu lírico manifesta uma concepção segundo a qual a realização amorosa se dá por meio da imaginação. Não é preciso ter a pessoa amada fisicamente, basta tê-la em pensamento. E, tendo-a dentro de si, na imaginação, o eu lírico se transforma na pessoa amada, confunde-se com ela e, dessa forma, já a tem.

A POESIA ÉPICA

A obra *Os lusíadas* foi publicada em 1572 e conta os feitos heroicos dos portugueses que, em 1498, se aventuraram no mar, em uma época cercada de mitos de monstros marinhos e abismos. Liderados por Vasco da Gama, os portugueses (lusos) avançaram além dos limites marinhos até então desvendados — o cabo das Tormentas, no sul da África — e chegaram à Calicute, na Índia. A façanha uniu Oriente e Ocidente pelo mar, sendo visado pelas nações europeias, despertando interesses políticos e econômicos. As aventuras narradas são pretextos para contar a própria história de Portugal, ao mesmo tempo em que se volta para fatos históricos relativamente recentes, respondendo dessa forma aos anseios nacionalistas da época.



A obra também, por outro lado, revela os anseios do próprio Camões, em relação ao sentido da busca desenfreada dos portugueses por riqueza e poder, e no que diz respeito aos rumos da nação portuguesa.

Porém, em *Os lusíadas* há a presença de deuses da mitologia clássica, só que, o paganismo convive com ideias do cristianismo, visto que, essa era a opção religiosa do autor e de muitos portugueses de uma forma geral. A estrutura “*Os lusíadas*” apresenta 1102 estrofes, todas em oitava rima, que estão organizadas em dez Cantos, cada Canto correspondendo a um capítulo. Seguindo o modelo clássico, a obra apresenta três partes principais: Introdução: Composta por 18 estrofes do Canto I e subdivide-se em: Proposição (estrofes 1, 2 e 3), nas quais o poeta apresenta o que vai cantar, ou seja, os fatos heroicos dos ilustres barões de Portugal:

CAMÕES

*“Chamar-te gênio é justo, mas é pouco.
Chamar-te herói, é não te conhecer.
Poeta dum império que era louco,
Foste louco a cantar e louco a combater”.*
(Miguel Torga)



Luís Vaz de Camões foi e ainda é grande por sua poesia, dentro e fora dos quadros literários. Na realidade, o classicismo português se abre e se fecha com um poeta: Sá de Miranda e Camões que, numa visão de conjunto foi o grande poeta. Os demais podem ser considerados como poetas menores, presos às propostas renascentistas e ofuscados pelo brilho camoniano.

No prólogo dos *Lusíadas*, Camões apela para a arte e o talento, assim dizendo: “Cantando espalharei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar engenho e arte”, tendo o conhecimento de que ambos devem estar associados de maneira indissolúvel, para o alcance do intento poético. Sua grandeza está não apenas na perfeição com que criou uma obra de cunho pessoal, mas também no fato de ter sintetizado numa obra harmoniosa todos os elementos formais e temáticos que andavam dispersos ou parcialmente trabalhados por seus antecessores. Podemos citar o exemplo do soneto, que desde Sá de Miranda vinha sendo cultivado em Portugal e que encontrou em Camões um artífice e

criador máximo. De certa forma, Camões seria clássico mesmo que não existisse o classicismo.



A Lírica Camoniana

Considerado o maior poeta lírico português de todos os tempos, sua poesia lírica é marcada por uma dualidade: ora revela textos de nítida herança tradicional portuguesa, ora sua poesia se enquadra na medida nova renascentista. Podemos notar, ainda, a fusão dessas características em outros textos.

Seus sonetos foram produzidos em medida nova. Suas poesias escritas em medida velha compreendiam redondilhas tanto maiores como menores, a maior parte delas estruturadas a partir de um mote, isto é, umas sugestões iniciais, que era desenvolvida pelo poema nas estrofes seguintes, sob o título de volta.

Em Camões, a herança das cantigas trovadorescas aparece principalmente nas redondilhas. O mar, as fontes e a natureza surgem em diálogos, lembrando as cantigas de amigo, apenas não se colocando no lugar da mulher e, sim, falando sobre ela.

Percebe-se, em alguns textos da lírica camoniana, a influência da filosofia platônica, sobre o mundo sensível e o mundo inteligível, principalmente em alguns sonetos como nas redondilhas de Babel e Sião.

Um dos temas mais ricos da lírica de Camões é o Amor, ora visto como ideia (neoplatonismo), ora como manifestação de carnalidade. Nesse Amor como ideia ou essência, nota-se uma nítida influência da poesia de Petrarca e Dante, sendo a mulher amada retratada de forma ideal, como um ser superior e perfeito. Em outros momentos, talvez em função de sua vida atribulada, Camões não canta mais o amor espiritualizado, mas um amor terreno, carnal, erótico. Pela impossibilidade de obter uma síntese desses dois amores, nota-se, às vezes, o uso abusivo de antíteses.

A Epopeia Camoniana

Os Lusíadas, que narra a aventura marítima de Vasco da Gama, é a grande epopeia do povo lusitano. Publicada em 1572, é considerada o maior poema épico escrito em língua portuguesa, não por conter oito mil e oitocentos e dezesseis verbos decassílabos distribuídos em 1102 estrofes de oito versos

cada, mas pelo seu valor poético e histórico. Obedecendo com rigor às regras da Antiguidade clássica apresentam em suas estrofes os aspectos formais (métrica, ritmo e rima) com extrema regularidade, demonstrando o engenho e a arte do poeta. Todas as estrofes apresentam o esquema conhecido como oitava-rima, com três rimas cruzadas seguidas de uma emparelhada (AB AB AB CC).

A palavra lusíadas significa “lusitanos”, e Camões foi buscá-la numa epístola de André de Resende. Os Lusíadas são os próprios lusos, tanto em sua alma como em sua ação. O herói da epopeia é o próprio povo português e não apenas Vasco da Gama, como pode parecer à uma leitura superficial da obra. Ao cantar “as armas e os barões assinalados” que navegaram “por mares nunca dantes navegados”, Camões engloba todo o povo lusitano navegador, que enfrentou a morte pelos mares desconhecidos. Pode-se afirmar, então, que o poema épico apresenta um herói coletivo.

O poeta deixou expresso o tema da epopeia já nas duas primeiras estrofes: a glória do povo navegador português, que conquistou as Índias e edificou o Império Português no Oriente, bem como a memória dos reis portugueses, que tentaram ampliar o Império. Portanto, Camões cantou as conquistas de Portugal, a glória de seus navegadores e os reis do passado. Cantou, enfim, a História de Portugal.

Numa época de profundo antropocentrismo, é fortemente marcado o significado de um poema que fixou um dos raros momentos em que o homem experimentou com êxito a magnitude de sua força física e moral, num embate de proporções cósmicas. Daí decorre ser Camões um dos maiores, senão o maior, dos poetas de todos os tempos, pela representação universal de seu pensamento, fruto de um singular poder de transfiguração poética, típica do visionário e do eleito.

O Barroco (1580-1756)

A arte da indisciplina em 1517, a Reforma divide a Igreja entre católicos e protestantes; em 1540 é fundada a Companhia de Jesus, ordem religiosa que enviava missionários a vários continentes; em 1563, a Igreja inicia o movimento da Contra-Reforma, com o objetivo de impedir a expansão protestante. Como se pode perceber, o Renascimento europeu desenvolveu-se em meio a crises religiosas e movimentos de restauração da fé cristã. A presença da religião na

vida cotidiana e cultural, no entanto, é sentida de modo mais contundente na transição do séc. XVI para o séc. XVII, momento em que surge o Barroco.

Assim surge a arte barroca, que vigora durante todo o séc. XVII e início do séc. XVIII, registrando o espírito contraditório de uma época que se divide entre as influências do Renascimento (materialismo, paganismo e sensualismo) e de uma crescente religiosidade trazida principalmente pela Contra-Reforma.

Como resultado dessas tendências, a arte barroca é, sobretudo, a expressão das contradições e do espírito do homem da época. Alguns princípios artísticos do Renascimento foram abandonados, como equilíbrio, harmonia e nacionalismo, o que levou o Barroco a ser visto durante muito tempo como uma arte indisciplinada.



Wikimedia

“Anjos Músicos” do Mestre Ataíde está na Igreja de São Francisco, em Ouro Preto.

O Barroco no Brasil No século XVII. O Brasil presenciou o surgimento de uma literatura própria, apesar de esta ainda estar muito presa aos modelos lusitanos. Nesta época a literatura era restrita a uma pequena elite culta e não tinha formado até então um público consumidor, que apreciasse e estimulasse o refinamento da arte barroca. Na realidade o Brasil vivia um período de grande violência, onde havia a escravização dos índios e dos negros, além do comércio exploratório da cana-de-açúcar. Apesar disso, os modelos literários de Portugal chegaram ao Brasil, e o Barroco brasileiro chega até mesmo a ser confundido com as próprias origens da nossa literatura. O que se pode perceber é que nessa época não havia sentimento de grupo ou coletividade: a literatura produzida nessa época foi expressão de esforços individuais.

O Barroco no Brasil só se desenvolveu entre os anos de 1720 e 1750, quando foram fundadas várias academias literárias pelo país. A descoberta do ouro em Minas Gerais, possibilitou o desenvolvimento de um Barroco tardio nas artes plásticas, o que pode ser observado na construção de igrejas com estilo Barroco durante todo o século XVIII.

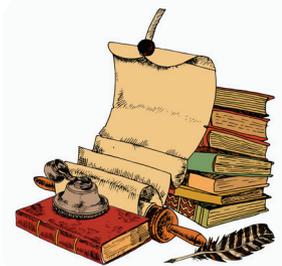
A Prosopopéia (1601) de Bento Teixeira é considerada o marco inicial do Barroco no Brasil. Os escritores barrocos brasileiros que mais se destacaram foram:

- Na poesia: Gregório de Matos, Bento Teixeira, Botelho de Oliveira e Frei Itaparica.
- Na prosa: Pe. Antônio Vieira, Sebastião da Rocha Pita e Nuno Marques Pereira.

Gregório de Matos Gregório de Matos (1633-1696) é o maior poeta barroco brasileiro e um dos fundadores da poesia lírica e satírica em nosso país. Nasceu em Salvador, estudou no Colégio dos Jesuítas e depois em Coimbra, Portugal, onde cursou Direito, tornou-se juiz e ensaiou seus primeiros poemas satíricos. Retornando ao Brasil, em 1681, exerceu os cargos de tesoureiro-mor e de vigário geral, porém sempre se recusou a vestir-se como clérigo. Devido às suas sátiras, foi perseguido pelo governador baiano Antônio de Souza Menezes, o Braço de Prata.

A sátira Gregório de Matos ficou conhecido também como “O Boca do Inferno”, em razão de suas sátiras. O autor representa uma das veias mais ricas e ferinas de toda a literatura satírica em língua portuguesa. O poeta não poupou o uso de palavrões em sua linguagem, nem as críticas a todas as classes da sociedade baiana do seu tempo. Criticava o governador, o clero, os comerciantes, os negros etc.

A sátira representa a parte mais original da poesia de Gregório de Matos, pois foge completamente dos padrões pré-estabelecidos pelo Barroco vigente e se volta para a realidade baiana do séc. XVII. Por isso, pode-se chamá-la de poesia realista e brasileira, não somente pelos temas escolhidos, mas também pela percepção crítica da exploração colonialista empreendida pelos portugueses na colônia.



Arcadismo (1756-1825)

No século XVIII, as formas artísticas do Barroco já se encontram desgastadas e decadentes. O fortalecimento político da burguesia e o aparecimento dos filósofos iluministas dão origem a um novo quadro sócio-político-cultural e a um público diferente, que necessita de outras fórmulas de expressão.

Combate-se a mentalidade religiosa criada pela contrarreforma, nega-se a educação jesuítica praticada nas escolas, valoriza-se o estudo científico e as atividades humanas, num verdadeiro retorno à cultura renascentista. A literatura que surge para combater a arte barroca e sua mentalidade religiosa e contraditória é o Neoclassicismo, que objetiva restaurar o equilíbrio por meio da razão. Na Itália essa influência assumiu feição particular.

Conhecida como Arcadismo, inspirava-se na lendária região da Grécia antiga. Segundo a lenda, a Arcádia era dominada pelo deus Pan e habitada por pastores que, vivendo de modo simples e espontâneo, se divertiam cantando, fazendo disputas poéticas e celebrando o amor e o prazer. Os italianos, procurando imitar a lenda grega, criaram a Arcádia em 1690 — uma academia literária que reunia os escritores com a finalidade de combater o Barroco e difundir os ideais neoclássicos. Para serem coerentes com certos princípios, como simplicidade e igualdade, os cultos literatos árcades usavam roupas e pseudônimos de pastores gregos e reuniam-se em parques e jardins para gozar a vida natural.

No Brasil e em Portugal, a experiência neoclássica na literatura se deu em torno dos modelos do Arcadismo italiano, com a fundação de academias literárias, simulação pastoral, ambiente campestre, etc. Esses ideais de vida simples e natural vêm ao encontro dos anseios de um novo público consumidor em formação, a burguesia, que historicamente lutava pelo poder e denunciava a vida luxuosa da nobreza nas cortes.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM ÁRCADE

Desenvolvimento de alguns temas clássicos, referidos por expressões latinas

- Fugere urbem (fuga da cidade) e Locus amoenus (lugar aprazível, tranquilo): os árcades defendem o bucolismo como ideal de vida, o viver de modo simples e natural, no campo, longe dos centros urbanos.

Tal princípio era reforçado por Rousseau, segundo o qual afirma que o homem nasce bom, a civilização e que corrompe seus costumes.

“Quem deixa o trato pastoril amado
Pela ingrata, civil correspondência
Ou desconhece o rosto da violência,
Ou o retiro da paz não tem povoado”

(Cláudio Manuel da Costa)

- Aurea Mediocritas (vida medíocre materialmente, mas rica em realizações espirituais): a idealização de uma vida pobre e feliz no campo, em oposição à vida luxuosa e triste na cidade.

Se não tivermos lãs e peles finas, podem mui bem cobrir as
carnes nossas as peles dos cordeiros mal curtidas, e os panos
feitos com lãs mais grossas. Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

(Tomás Antônio Gonzaga)

- Inutilia truncat (cortar o inútil). Simplicidade linguística para fazer frente ao rebuscamento do Barroco.



Vemos ainda:

- Ideias Iluministas: como expressão artística da burguesia, o Arcadismo veicula certos ideais políticos e ideológicos dessa classe, formulados pelo Iluminismo, movimento filosófico constituído por pensadores que defendiam o uso da razão, em contraposição à fé cristã, e combatiam o Absolutismo. Ideias de liberdade, justiça e igualdade social estão presentes em alguns textos da época.
- Imitação dos antigos, principalmente nas referências à mitologia e na observância das regras de composição.
- Designação dos poetas e suas musas como pastores e pastoras, que adotavam pseudônimos latinos.
- *Carpe diem*: o desejo de aproveitar o dia e a vida enquanto é possível — tema explorado pelo Barroco — é retomado pelos árcades e faz parte do convite amoroso como vemos nos versos de Tomás Antônio Gonzaga: *Prendamo-nos, Marília, em laço estreito, Gozemos do prazer*

de são amoros Sobre nossas cabeças Sem que o possam deter, o tempo corre; E para nós o tempo, que passa, Também, Marília, morre.

O Arcadismo em Portugal

Em Portugal, o Arcadismo estende-se desde 1756, com a fundação da Arcádia Lusitana, até 1825, com a publicação do poema “Camões”, de Almeida Garret, considerado o marco inicial do Romantismo português. A principal expressão literária desse período, Manuel Maria do Bocage, foi um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805)

O poeta português também é conhecido com o pseudônimo árcade de Elmano Sadino (Elmano é um anagrama de Manuel e Sadino é relativo ao rio Sado, que corta a cidade de Setúbal, onde nasceu). Além das inúmeras experiências amorosas, ele viveu aventuras nas colônias portuguesas do Oriente como na Índia (Goa) e na China (Macau), teve quase o mesmo caminho que Camões. Como ele, Bocage também se incorporou em companhias militares, lutou na guerra, naufragou, amou muitas mulheres e sofreu com elas, foi preso e morreu na miséria. Podemos identificar na fase inicial da poesia de Bocage uma acomodação aos clichês árcades, como vemos na composição seguinte: Já se afastou de nos o Inverno agreste Envolto nos seus úmidos vapores; A fértil primavera, a mãe das flores O prado ameno de boninas veste: Varrendo os ares o sutil nordeste Os torna azuis; as aves de mil cores Adejam entre Zéfiros e Amores, E toma o fresco Tejo a cor celeste: Vem, ó Marília, vem lograr comigo Destes alegres campos a beleza, Destas copadas árvores o abrigo: Deixa louvar da corte a vã grandeza: Quanto me agrada mais estar contigo (Bocage) Identificamos nesse soneto a composição de um locus amoenus, marcado pela natureza idílica pronta para receber os amantes. O eu lírico convida sua amada Marília a desfrutar das perfeições da natureza. Vemos, ainda, o desenvolvimento do tema do fugere urbem (“deixa louvar da corte a vã grandeza”), bem de acordo com o modelo árcade.

O poeta pré-romântico Sua vertente erótico-satírica tem uma linguagem obscena e agressiva. Escreveu também poemas líricos, cujos temas fundamentais são o amor, a morte, o destino, a natureza, o conflito entre o sentimento e



a razão e o egocentrismo. Vários poemas de Bocage antecipam tendências do Romantismo, são os pré-românticos, os quais revelam ora a submissão total do amor, ora uma obsessão pela morte.

ROMANTISMO (1825-1865)

Romantismo Movimento artístico e filosófico surgido no final do século XVIII na Europa que perdurou até grande parte do século XIX. Nasce na Alemanha quando Goethe publicou Werther, mas é na França que ganha força e de lá se espalha pela Europa e pelas Américas. Opõe-se ao racionalismo e ao rigor do neoclassicismo. Caracteriza-se por defender a liberdade de criação e privilegiar a emoção. As obras valorizam o individualismo, o sofrimento amoroso, a religiosidade cristã, a natureza, os temas nacionais e o passado. A tendência está impregnada de ideais de liberdade da Revolução Francesa (1789).

Panorama histórico-cultural

A palavra-chave em fins do século XVIII e no início do XIX era a liberdade. O Romantismo rompe com a tradição clássica e abre caminho para a modernidade. Os burgueses pregavam o liberalismo econômico e a democracia no terreno preparado pelos filósofos iluministas da primeira metade do século XVIII. Décadas depois, a Revolução toma conta da Europa. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade contagiaram os setores populares — o campesinato e os trabalhadores urbanos, arregimentando-os para a derrubada dos regimes absolutistas. Economicamente, a Europa presenciava a euforia e as consequências decorrentes da Revolução Industrial na Inglaterra: novos inventos para a indústria, divisão do trabalho e maior produtividade, formação de centros fabris e urbanos, surgimento do operariado, revoltas sociais e nascimento de sindicatos, associações de trabalhadores e de patrões. A substituição do trabalho dos camponeses pelas máquinas desencadeou o êxodo rural, uma vez que as indústrias localizavam-se nas proximidades dos grandes centros urbanos. Esse deslocamento já permitia antever problemas futuros, mas naquele primeiro momento da Revolução Industrial era de entusiasmo e crença nos benefícios econômicos trazidos por ela. O triunfo do Capitalismo como sistema econômico consuma-se pouco a pouco. O Arcadismo não deixara de ser em essência a continuação do Classicismo, com seus modelos e regras, enquanto os românticos, num clima de liberdade e transformação, puderam,

de fato, propor uma ruptura com os modelos preestabelecidos e a absoluta liberdade de criação. O novo público consumidor, de origem burguesa, não mais aceitando os padrões clássicos que indicavam uma concepção estática do mundo, dita novos valores: o apego às tradições nacionais, o gosto pelas lendas e narrativas de origem medieval e pelo heroísmo; o sacrifício e sangue derramado, que evocam o recente passado revolucionário, e a afirmação das nacionalidades. A arte até então era produzida e consumida pela aristocracia. Era feita pela elite e para a elite. Com a mudança no cenário político, após a chegada da burguesia ao poder como consequência da Revolução Francesa, os artistas, aristocratas, olhavam para o burguês como um arrivista social que tinha dinheiro e poder, mas carecia de cultura e educação. Era preciso, portanto, que ocorresse uma transformação cultural equivalente à política. Somente os burgueses, interessados em somar poder econômico ao prestígio social, podiam realizar essa reforma.

Características do Romantismo

Subjetivismo: o romancista trata dos assuntos de forma pessoal, de acordo com sua opinião sobre o mundo. O subjetivismo pode ser notado através do uso de verbos na primeira pessoa. Trata-se sempre de uma opinião particular, dada por um indivíduo que baseia sua perspectiva naquilo que as suas sensações captam. Com plena liberdade de criar, o artista romântico não se acanha em expor suas emoções pessoais, em fazer delas a temática sempre retomada em sua obra. O eu é o foco principal do subjetivismo, o eu é egoísta, forma de expressar seus sentimentos.

Egocentrismo: a maior parte dos poetas românticos volta-se predominantemente para o próprio eu, numa postura tipicamente narcisista. Como o nome já diz, é a colocação do ego no centro de tudo. Idealização: empolgado pela imaginação, o autor idealiza temas, exagerando em algumas de suas características. Dessa forma, a mulher é uma virgem frágil, o índio é um herói nacional, e a pátria sempre perfeita. Essa característica é marcada por descrições minuciosas e muitos adjetivos. 81 Fusão do Grotesco e do sublime: há a fusão do belo e do feio.

Apesar da tendência idealizante, o Romantismo procura captar o homem em sua plenitude, enfocando também o lado feio e obscuro de cada um.



Sentimentalismo: a relação do artista romântico com o mundo é sempre mediada pela emoção, sendo as mais comuns a saudade, a tristeza e a desilusão. Os poemas expressam o sentimento do poeta, suas emoções e são como o relato sobre uma vida. Religiosidade: sobretudo nos primeiros românticos, surgiu como reação ao materialismo racionalista; evidentemente, porém, não se trata de uma fé apoiada em base inteligente, e sim em base emocional, servindo até de válvula de escape para a frustração da vida real. Medievalismo: alguns românticos se interessavam pela origem de seu povo, de sua língua e de seu próprio país.

O Romantismo em Portugal Iniciou-se em 1825, Almeida Garrett publicou o poema Camões, biografia do célebre poeta que retratava principalmente o sentimentalismo. O Romantismo durou cerca de 40 anos e termina por volta de 1865, com a Questão Coimbrã, encabeçada por Antero de Quental. Assim como em outros países, o Romantismo português uniu-se ao liberalismo e à ideologia burguesa.

- Há três momentos distintos no desenvolvimento do Romantismo português: **Primeira geração** — Atuante entre os anos de 1825 e 1840, ainda bastante ligada ao Classicismo, contribuiu para a consolidação do liberalismo em Portugal. Os principais escritores como Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho, embora influenciados pela formação clássica, voltam seus interesses para a recuperação do passado histórico português, eminentemente medieval, escolha que acentuará o caráter nacionalista de suas obras. **Segunda geração** — Também conhecida como Ultra-Romantismo, marcado pelo exagero, desequilíbrio, sentimentalismo, prevalece até 1860. Principais escritores: Camilo Castelo Branco e Soares Passos.
- **Terceira geração** — De 1860 a 1870, é considerado momento de transição, por já anunciar o Realismo. Traz um Romantismo mais equilibrado, regenerado (corrigido, reconstituído). Principais escritores: João de Deus, na poesia, e Júlio Dinis, na prosa. Além da poesia e do romance, nesses três momentos românticos, desenvolveram-se ainda o teatro, a historiografia e o jornalismo de forma nunca vista antes em Portugal.



Realismo, Naturalismo e Parnasianismo (1865-1890)

Durante a segunda metade do século XIX, o contexto sociopolítico se transformou radicalmente. Lutas sociais, tentativas de revolução, novas ideias políticas e científicas. O mundo estava passando por profundas transformações e a literatura não podia mais, como no tempo do Romantismo, viver de idealizações, do culto do eu e da fuga da realidade. Era necessária uma arte mais objetiva, que retratasse o momento; que fosse capaz de analisar, compreender, criticar e transformar a realidade. Como consequência dessa necessidade, surgem quase ao mesmo tempo três tendências antirromânticas, que se entrelaçam e se influenciam mutuamente: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. Influenciados pelas teorias científicas e filosóficas da época, os escritores realistas desejavam retratar o homem e a sociedade em sua totalidade. Não bastava mostrar o lado sonhador e idealizado da vida como fizeram os românticos; era preciso mostrar o lado nunca antes revelado: o do rotina massacrante, do amor adúltero, da falsidade e do egoísmo humano, da impotência do homem comum diante da classe dominante. Apesar de apresentarem diferenças formais e ideológicas, essas três tendências apresentam alguns aspectos comuns: o combate ao Romantismo, o resgate do objetivismo e o gosto pelas descrições.

O Realismo teve início com a publicação do romance realista *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, o Naturalismo com o romance naturalista *Thérèse Raquin*, de Émile Zola (1867), e o Parnasianismo com a publicação das antologias parnasianas intituladas *Parnase contemporain* (a partir de 1866). É importante se destacar que o nome Realismo, não é o mais adequado ao movimento, porque em todas as épocas se pode identificar com maior ou menor intensidade o realismo artístico, em oposição à fantasia e à imaginação. Entretanto, o Realismo da segunda metade do século XIX estabelece uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, o relacionamento entre homem e mulher, as relações sociais, os conflitos interiores do ser humano, a crise das instituições (Estado, Igreja, família, casamento), etc. O Naturalismo, por sua vez, constitui uma tendência que procurava dar um novo enfoque ao Realismo, atribuindo-lhe um caráter mais científico, com base nas teorias que circulavam na época. Os naturalistas criam o romance de tese, obras nas quais procuram provar certas teorias no laboratório humano ficcional: o romance.



Habitualmente são destacados certos traços instintivos e patológicos do ser humano, identificado como animal. E o enfoque é dado aos aglomerados humanos e às camadas mais pobres da população. Ao contrário dos outros movimentos, que se voltam para a análise da realidade, o Parnasianismo é um retorno da poesia ao estilo clássico, abandonado pelos românticos. Os parnasianos buscavam restabelecer o equilíbrio, a razão e a objetividade. Cultivavam temas convencionais e aspiravam ao perfeccionismo formal e ao purismo linguístico.

Contexto Histórico

O Realismo reproduz as profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais da Segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, entra numa nova fase, marcada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade; ao mesmo tempo o avanço científico leva a novas descobertas nos campos da Física e da Química. O Capitalismo se estrutura em moldes modernos, com o surgimento de grandes complexos industriais; por outro lado, a massa operária urbana cresce, formando uma população marginalizada que não partilha dos benefícios gerados pelo progresso industrial mas, ao contrário, é explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho. Esta nova sociedade serve de modelo para uma nova interpretação da realidade, gerando teorias de variadas posturas ideológicas. Trata-se da onda cientificista e materialista. Entre as mais importantes correntes da época, destacam-se: Darwinismo—dando continuidade, sob outro enfoque, à teoria do evolucionismo, de Lamarck, Charles Darwin, em sua obra *Origem das espécies* (1859), apresenta a teoria da seleção natural, segundo a qual a natureza ou o meio selecionam, entre os seres vivos, as espécies que estão mais aptas a sobreviver e perpetuar-se. Assim, os mais fortes sobrevivem e procriam, e os mais fracos são eliminados.

SIMBOLISMO (1890-1910)

O **Simbolismo** foi um movimento literário que surgiu antes da Primeira Guerra Mundial, e surgiu como uma reação às correntes materialistas e cientificistas daquela época.

A decadência econômica europeia nas últimas décadas do século XIX põe por terra as esperanças positivistas e materialistas. Uma nova forma de enca-

rar o mundo faz com que se retomem os valores até então adormecidos: o idealismo e o misticismo são revitalizados. Surge o Simbolismo, opondo-se ao objetivismo realista. A Europa vivia em estado de alerta, cada país procurava aumentar os seus contingentes militares e aperfeiçoar os seus armamentos. Era o fantasma da guerra. As consequências desse clima se farão sentir mais profundamente logo no início do século XX, e as últimas manifestações simbolistas e as primeiras produções modernistas serão contemporâneas da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e da Revolução Russa, em 1917. O Simbolismo, refletindo esse momento histórico, percebe a falência do racionalismo, do materialismo e do positivismo, insuficientes para a compreensão do mundo exterior, e retorna às tendências espiritualistas. O sonho, o inconsciente, a metafísica e a religiosidade renascem na procura de um mundo ideal situado ora no interior do indivíduo, ora no sobrenatural.

Fugindo ao racionalismo, o artista mergulha então no irracional, cuja expressão exigia uma linguagem nova, metafórica e sugestiva. As primeiras manifestações simbolistas já estavam presentes na coletânea Parnasse contemporânea, com poemas de Baudelaire, Mallarmé e Verlaine. Mas é no livro *As flores do mal*, de Charles Baudelaire, publicado em 1857, que vamos encontrar as diretrizes da poética simbolista e de praticamente toda a moderna poesia europeia.

Ainda que o símbolo tenha sempre existido em literatura, é no final do século XIX que se intensifica o seu uso, libertando a palavra de sua carga lógica para expressar sentimentos profundamente subjetivos.

CARACTERÍSTICAS DO SIMBOLISMO

- **Expressão indireta de ideias e emoções:** Para os simbolistas, a realidade deveria ser expressa de maneira vaga, nebulosa, imprecisa, ilógica.
- **Expressividade sonora:** Dotando o poema de expressividade sonora e valorizando o ritmo, a musicalidade, as aliterações, as assonâncias e os ecos, os simbolistas procuravam aproximar a poesia da música, afastando o poema das referências concretas e instaurando uma atmosfera vaga, misteriosa e indefinida.
- **Subjetivismo profundo:** Desinteressado pela realidade objetiva, o simbolista voltava-se para o seu próprio eu. Tratava-se de buscar a

essência do ser humano, o inconsciente, o subconsciente e os estados de alma.

- **Misticismo e espiritualidade:** O desejo de um mundo ideal, do qual o mundo real é apenas uma representação imperfeita, conduz o simbolista a procurar alcançá-lo por meio da poesia, vendo na arte uma forma de religião. Em alguns autores esse desejo de evasão associa-se a uma visão cristã.
- **Abstração e preocupação formal:** Nascido no seio do Parnasianismo e com ele convivendo até o nosso século, o Simbolismo herdou a preocupação formal e o descompromisso com a realidade mundana, o que o afastou os poetas dos problemas sociais, deixando-os envoltos em seu próprio universo.

SIMBOLISMO EM PORTUGAL

1890 — Publicação do livro de poemas *Oaristos*, de Eugênio de Castro. (*Oaristo* significa “colóquio terno, diálogo amoroso”)

1915 — Início do Modernismo, com o lançamento da revista *Orpheu*. Conforme já vimos, a poesia simbolista tem relação com a recuperação de alguns valores não-materiais após a década de 1870. Em Portugal registrou-se pelo menos um grande momento de crise econômica nos anos de 90 e 91, assinalado pelo descrédito do povo em relação à monarquia. É nessa conjuntura que surge o grupo de escritores conhecido como “Os Vencidos da Vida”, denominação reveladora do espírito depressivo que se viveu na época. Desse grupo, de curta duração, faziam parte escritores realistas, como Eça de Queirós e Guerra Junqueiro.

PRINCIPAIS AUTORES

Antônio Nobre (1867-1900) Nasceu em Porto, em 1867. Após duas reprovações sucessivas no curso de Direito em Coimbra, mudou-se para Paris, onde frequentou cursos livres. Ingressou na carreira diplomática ao voltar para Portugal, mas já com os sinais da tuberculose que o mataria em 1900. Obras — Poesia: *Só* (1892); *Despedidas* (1902); *Primeiros versos* (1921).





Camilo Pessanha (1867-1926) Camilo D’Almeida Pessanha nasceu em Coimbra em 1867. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, e exerceu a advocacia e o magistério em Macau. Viveu alternadamente entre as duas cidades. De saúde muito frágil, estado agravado pelo consumo de ópio. Morreu tuberculoso em 1926. Obras — Poesia: *Clepsidra* (1920). A palavra que serve de título ao livro denomina um relógio de água. Deixou ainda contos, crônicas, ensaios e poemas dispersos em jornais e revistas. A musicalidade e o poder de sugestão são traços simbolistas de sua obra, considerada a mais representativa do Simbolismo português. Pessanha desliga-se da subjetividade e questiona os grandes problemas universais, como o fluir do tempo, a brevidade da vida, a inutilidade do existir, tudo isso conduzindo ao pessimismo que marca sua visão de mundo.

Eugênio de Castro (1869-1944) Eugênio de Castro e Almeida nasceu em Coimbra, em 1869. Formado em Letras, ingressou na carreira diplomática, mas logo desistiu dela e passou a exercer o magistério. Viveu algum tempo em Paris, onde entrou em contato com o Simbolismo francês. De volta a Portugal, dirigiu o grupo da revista *Os Insubmisos*. Morreu em 1944, no auge da fama. Sua obra *Oaristos* inaugurou o Simbolismo português.



Obras — Poesia: *Cristalizações da morte* (1884); *Horas tristes* (1888); *Oaristos* (1890); *últimos versos* (1938), entre muitas outras. O texto que vamos ler é parte de um longo poema extraído do livro que deu início ao Simbolismo português, *Oaristos*, de Eugênio de Castro.

UM SONHO

Eugênio de Castro

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...

O Sol, o celestial girassol, esmorece...

E as cantilenas de serenos sons amenos

Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...





As estrelas em seus halos
Brilham com brilhos sinistros...
Cornamusas e crotalos Cítolas, cítaras, sistros,
Soam suaves, sonolentos,
Sonolentos e suaves,
Em suaves,
Suaves, lentos lamentos
De acentos
Graves,
Suaves...

Flor! enquanto na messe estremece a quermesse
E o Sol, o celestial girassol, esmorece,
Deixemos estes sons tão serenos e amenos,
Fujamos, Flor! à flor destes floridos fenos...

Soam vesperais as Vésperas...
Uns com brilhos de alabastros,
Outros louros como nêspas,
No céu pardo ardem os astros...



MODERNISMO (1915-1960)

O início do século XX foi um momento de crise aguda, de dissolução de muitos valores. Os artistas reagiram ao cepticismo social, marcado por um laxismo próximo do «laissez-faire, laissez-passar» através da agressão cultural, pelo sarcasmo, pelo exercício gratuito das energias individuais, pela sondagem, a um tempo lúcida e inquieta, das regiões virgens e indefinidas do inconsciente, ou então pela entrega à vertigem das sensações, à grandeza inumana das máquinas, das técnicas, da vida gregária nas cidades.

No início deste século as minorias criadoras manifestaram-se por impulsos de ruptura com as diversas ordens vigentes. As forças da aventura romperam as crostas das camadas conservadoras e tentaram redescobrir o mundo através da redescoberta da linguagem estética. Na área da poesia recusam-se os temas poéticos já gastos, as estruturas vigentes da poética ultrapassada. A

arte entra numa dimensão-outra: os objetos não-estéticos e o dia-a-dia na sua dimensão multiforme entram na arte.

Recusa-se o código linguístico convencional e, sob o signo da invenção, surgem novas linguagens literárias: desde a desarticulação deliberada até à densamente metafórica, quase inacessível ao entendimento comum. É a toda esta recusa, desejo de ruptura e redescoberta do mundo através da linguagem estética que se chama modernismo ou movimento modernista.



No caso português, o modernismo pode ser considerado um movimento estético, em que a literatura surge associada às artes plásticas e por elas influenciada. Nomes como Fernando Pessoa (n. 1888), Sá Carneiro (n. 1890) e Almada Negreiros (n. 1893), são marcos importantes desta época

O Modernismo encerra um humanismo seminal, incita à plenitude individual. E desponta nele, intuitiva e, de modo precursor, o Sobre realismo, sobretudo em Sá Carneiro, a par da visão do mundo como coisa absurda e sem suporte. A geração do Orpheu surge como ponto de arranque em mais duma direção — começo de uma época nova, liquidação de certas formas de pensar e de sentir. A literatura não é já expressão do indivíduo, mas linguagem que se constitui, inesperada, a partir dum vazio, dum não-eu.

MODERNISMO



Termo que designa o culto do moderno, ou seja, e em termos gerais, de tudo aquilo que se opõe à ideia de clássico e de tradição. O modernismo surge, assim, como conceito associado a uma ética do progresso, da aceleração das inovações e experiências (formais ou plásticas) conduzidas pelos movimentos de vanguarda do início do século XX, em função da ideologia do novo como valor ético e estético, da autonomia da arte, e da recusa da realidade como modelo para esta última. Por outro lado, refere-se a uma geografia da arte que se organiza em torno de Paris, como principal centro da criação, desde finais do século XIX e até meados do século XX, a qual tende a refletir o estado da modernidade (das inovações formais) que ali se vive. Assim, o modernismo encontra seguimento em países como Portugal, Espanha, Brasil, nos quais representa o movimento de ruptura com a tradição naturalista de Português Prof. Pedro Pereira 4 oitocentos, de

acordo com as tendências e os modelos desenvolvidos na capital francesa. Em Portugal, a geração congregada em torno da revista *Orpheu*, cujo primeiro número saiu em 1915, e a que pertenceram nomes como Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, foi a introdutora do modernismo. Nas artes plásticas, são de destacar Amadeo de Souza Cardoso e Santa-Rita Pintor. Considera-se ainda que a revista *Presença* (1927-1940) marca, na literatura portuguesa, um segundo modernismo, que recupera e promove a geração de *Orpheu*, cujo reconhecimento público fora reduzido.

Ainda, alguns críticos literários apresentam três fases para o modernismo português:

- 1ª fase, orfeísmo, escritores responsáveis pela revista *Orpheu*, e por trazer Portugal de volta às discussões culturais na Europa;
- 2ª fase, presencismo, integrada por aqueles que ficaram de fora do orfeísmo, que fundaram a revista *Presença* e que buscavam, sem romper com as ideias da geração anterior, aprofundar em Portugal a discussão sobre teoria da literatura e sobre novas formas de expressão que continuavam surgindo pelo mundo;
- 3ª fase, neo-realismo, movimento que combateu o fascismo, e que defendeu uma literatura como crítica/denúncia social, combativa, reformadora, a serviço da sociedade — extremamente próxima do realismo no Brasil, daí advindo a nomenclatura “neo-realismo”, um novo realismo para “alertar” as pessoas e tirá-las da passividade. Foi da primeira fase que participou um dos maiores poetas da história de Portugal, o que melhor soube apresentar em versos os íntimos da contradição de ser humano.

Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935) “ele mesmo” — o ortônimo Escritor português, nasceu a 13 de Junho, numa casa do Largo de São Carlos, em Lisboa. Aos cinco anos morreu-lhe o pai, vitimado pela tuberculose, e, no ano seguinte, o irmão, Jorge. Devido ao segundo casamento da mãe, em 1896, com o cônsul português em Durban, na África do Sul, viveu nesse país entre 1895 e 1905, aí seguindo, no Liceu de Durban, os estudos secundários. Frequentou, durante um ano, uma escola comercial e a Durban High School e concluiu, ainda, o «Intermediate



Examination in Arts», na Universidade do Cabo (onde obteve o «Queen Victoria Memorial Prize», pelo melhor ensaio de estilo inglês), com que terminou os seus estudos na África do Sul. No tempo em que viveu neste país, passou um ano de férias (entre 1901 e 1902), em Portugal, tendo residido em Lisboa e viajado para Tavira, para contactar com a família paterna, e para a Ilha Terceira, onde vivia a família materna. Já nesse tempo redigiu, sozinho, vários jornais, assinados com diferentes nomes. De regresso definitivo a Lisboa, em 1905, frequentou, por um período breve (1906- 1907), o Curso Superior de Letras. Após uma tentativa falhada de montar uma tipografia e editora, «Empresa Íbis — Tipográfica e Editora», dedicou-se, a partir de 1908, e a tempo parcial, à tradução de correspondência estrangeira de várias casas Português Prof. Pedro Pereira 19 comerciais, sendo o restante tempo dedicado à escrita e ao estudo de filosofia (grega e alemã), ciências humanas e políticas, teosofia e literatura moderna, que assim acrescentava à sua formação cultural anglo-saxónica, determinante na sua personalidade. Em 1920, ano em que a mãe, viúva, regressou a Portugal com os irmãos e em que Fernando Pessoa foi viver de novo com a família, iniciou uma relação sentimental com Ophélia Queiroz (interrompida nesse mesmo ano e retomada, para rápida e definitivamente terminar, em 1929) testemunhada pelas Cartas de Amor de Pessoa, organizadas e anotadas por David Mourão-Ferreira, e editadas em 1978. Em 1925, ocorreria a morte da mãe. Fernando Pessoa viria a morrer uma década depois, a 30 de Novembro de 1935 no Hospital de S. Luís dos Franceses, onde foi internado com uma cólica hepática, causada provavelmente pelo consumo excessivo de álcool.

CARACTERÍSTICAS DO ROMANTISMO

Além das características já observadas, há outras que merecem destaque ou ser vistas com maior aprofundamento:



- **Subjetivismo:** o romântico quer retratar em sua obra uma realidade interior e parcial. Trata os assuntos de uma forma pessoal, de acordo com o que sente, aproximando-se da fantasia
- **Idealização:** motivado pela fantasia e pelo imaginário, o artista romântico passa a idealizar tudo; as coisas não são vistas como realmente são, mas como deveriam ser segundo uma Ótica pessoal. Assim, a pátria é sempre perfeita; a mulher

é vista como virgem, frágil, bela, submissa e inatingível; o amor, quase sempre, é espiritual e inalcançável; o Índio, ainda que moldado segundo modelos europeus, é o herói nacional.

- **Sentimentalismo:** exaltam-se os sentidos, e tudo o que é provocado pelo impulso é permitido. Certos sentimentos, como a saudade (saudosismo), a tristeza, a nostalgia e a desilusão, são constantes na obra romântica.
- **Egocentrismo:** cultua-se o “eu” interior, atitude narcisista, em que o individualismo prevalece; microcosmos (mundo interior) X macrocosmos (mundo exterior). A liberdade de criação: todo tipo de padrão clássico preestabelecido é abolido. O escritor romântico recusa formas poéticas, usa o verso livre e branco, libertando-se dos modelos greco-latinos, tão valorizados pelos clássicos, e aproximando-se da linguagem coloquial.
- **Medievalismo:** há um grande interesse dos românticos pelas origens de seu país, de seu povo. Na Europa, retornam a Idade Média e cultuam seus valores, por ser uma época obscura. Tanto é assim que o mundo medieval é considerado a “noite da humanidade”; o que não é muito claro, aguça a imaginação e a fantasia. No Brasil, o Índio representa o papel de nosso passado medieval e vivo

O PRIMEIRO MOMENTO DO ROMANTISMO

Como toda tendência nova, o Romantismo não veio implantar-se totalmente nos primeiros momentos em Portugal. Inicialmente, buscava-se gradativamente, apagar os modelos clássicos que ainda permeavam o meio socioeconômico. Os escritores dessa época, eram românticos em espírito, ideal e ação política e literária, mas ainda clássicos em muitos aspectos.



Almeida Garrett

Almeida Garrett, cultivou a oratória parlamentar, o pensamento pedagógico e doutrinário, o jornalismo, a poesia, a prosa de ficção e o teatro, o qual entrou em contato com o de Shakespeare quando em exílio na Inglaterra. Teve uma vida sentimental bastante atribulada em que se sobressai o seu romance adúltero com a viscondessa da Luz, a qual inspirou seus melhores poemas.

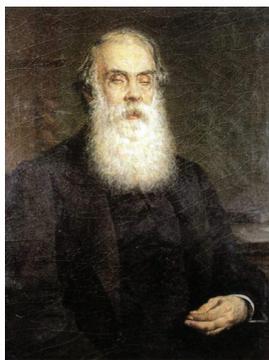
Na poesia, assimilou os moldes clássicos e morreu sem tornar-se romântico autêntico, pois carecia do egocentrismo tão almejado pelos românticos, deixando sua fantasia no teatro e na prosa de ficção. Escreveu *Camões* (1825), *Dona Branca* (1826), *Folhas Caídas* (1853), *Viagens na minha terra* (1846), dentre outras.

Alexandre Herculano

Herculano, exilou-se na Inglaterra e na França, criando polêmica com o clero, por participar da luta liberais. Junto com Garrett, foi um intelectual que atuou bastante nos programas de reformas da vida portuguesa.



Na ficção de Alexandre Herculano, prevalece o caráter histórico dos enredos, voltados para a Idade Média, enfocando as origens de Portugal como nação. Além disso, ocorrem muitos temas de caráter religioso. Quanto à sua obra não-ficcional, os críticos consideram que renovou a historiografia, uma vez que se baseia não mais em ações individuais, mas no conflito de classes sociais para explicar a dinâmica da história. **Sua obras principais são:** *A harpa do crente* (1838), *Eurico, o presbítero* (1844), dentre outras.



Castilho

Castilho, tem como principal papel traduzir poetas clássicos. Sua passagem pelo Romantismo é discreta, mesmo que tenha sido o provocador da Questão Coimbrã.

A história de Castilho é a dum grande mal-entendido: graças à cegueira, que lhe dava um falso brilho de gênio à Milton, mais do que à sua poesia, alcançou injustamente ser venerado como mestre pelos românticos menores. Não obstante válida historicamente, sua poesia caiu em compreensível esquecimento.

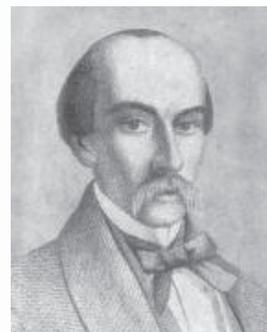
O SEGUNDO MOMENTO DO ROMANTISMO

Neste momento, desfazem-se os enlaces arcádicos que ainda envolviam os escritores da época. Aqui, notamos com plena facilidade o domínio da estética e da ideologia romântica. Os escritores tomam atitudes extremas, transformando-se em românticos descabelados, caindo fatalmente no exa-

gero, tendenciando temas soturnos e fúnebres, tudo expresso numa linguagem fácil e comunicativa.

Soares de Passos

Soares de Passos constitui a encarnação perfeita do “mal-do-século”. Vivendo na própria carne os devaneios de que se nutria a fértil imaginação de tuberculoso, sua vida e sua obra espelham claramente o prazer romântico do escapismo das responsabilidades sociais da época, acabando por cair em extremo pessimismo, um incrível desalento derrotista. **Obra:** Poesias (1855)



Camilo Castelo Branco

Casou-se com uma jovem de 15 anos, a quem abandonou com uma filha; em seguida raptou outra moça, sua prima, e com ela passou a viver. Acusado de bigamia, foi preso. Sua primeira esposa morreu e, logo em seguida, a filha. Abandonou a prima e viveu amores passageiros com outra jovem e com uma freira. Uma crise religiosa levou-o a ingressar num seminário, do qual desistiu.



Conheceu Ana Plácido, senhora casada que seria o grande amor de sua vida. Ocorre sua primeira tentativa de suicidar-se, diante da impossibilidade de viver com ela. Mas, finalmente passaram a viver juntos o que lhes custou um processo por adultério. Ambos foram presos. Na prisão, Camilo escreveu Amor de Perdição. Absolvidos e morto o marido de Ana, se casaram. Alguns anos depois da morte de Ana, Camilo, vencido pela cegueira, acaba por suicidar-se. **Suas obras principais:** Amor de salvação (1864), A queda dum anjo (1866), dentre outras.

O TERCEIRO MOMENTO DO ROMANTISMO

Acontece aqui, um tardio florescimento literário que corresponde ao terceiro momento do Romantismo, em fusão dos remanescentes do Ultrarromantismo. Esse período é marcado pela presença de poetas, como João de Deus, Tomás Ribeiro, Bulhão Pato, Xavier de Novais, Pinheiro Chagas e Júlio Dinis, que purificam até o extremo as características românticas.

Tomás Ribeiro mistura a influência de Castilho e de Victor Hugo, o que explica o caráter entre passadista e progressista da sua poesia. Bulhão Pato começa ultrarromântico e evolui, através duma sátira às vezes cortante, para atitudes realistas e parnasianas. Faustino Xavier de Novais dirigiu uma folha literária. Satirizou o Ultrarromantismo. Manuel Pinheiro Chagas cultivou a poesia de Castilho, que motivou a Questão Coimbrã; a historiografia e a crítica literária.

João de Deus

João de Deus foi apenas poesia. Lírico de incomum vibração interior, pôs-se à margem da falsa notoriedade e dos ruídos da vida literária e manteve-se fiel até o fim a um desígnio estético e humano que lhe transcendia a vontade e a vaidade. Contemplativo por excelência, sua poesia é a dum “exilado” na terra a mirar coisas vagas e por vezes a se deixar estimular concretamente.

Júlio Dinis

Os poemas de Júlio Dinis armam-se sobre uma tese moral e teleológica, na medida em que pressupõem uma melhoria, embora remota, para a espécie humana, frontalmente contrária à desesperação e ao amoralismo cético dos ultrarromânticos, numa linguagem coerente, lírica e de imediata comunicabilidade. Conduz suas histórias, sempre a um epílogo feliz, não considerando a heroína como “mulher demônio”, mas sim como “mulher anjo”. **Sua principal obra:** As pupilas do senhor reitor.

A LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Portugal, o berço de nossa língua e cultura, sempre, ao longo dos tempos (precisamente desde o século XII, com o advento de nossa literatura — com os cancioneros populares trovadorescos), nos presenteou com grandes artistas das letras.

Donos de uma literatura rica e sem par, os escritores portugueses se fizeram, entre os falantes de línguas latinas, um marco único e singular. Camões, Eça de Queiroz, Teófilo Braga, Bocage, Garret, Feliciano de Castilho, Herculano e Pessoa (e seus heterônimos) nos tornam isso bastante claro. Mas não é só do passado que vive a Literatura Lusa. Menos produtivo e menos divulgado, o século XX tem também seus ícones. Infelizmente escritores e obras

impressionantes foram sucumbidas ao regime ditatorial de Salazar, que além de afundar Portugal numa crise econômica e social gravíssima, cerceou sua cultura a um espaço e a uma forma muito intrínseca à própria regionalidade portuguesa.

Diferente das naus lusitanas do século XVI, a literatura lusa do século XX não desbravou cercanias do além mar. Mas este espectro não foi perene. Nas últimas décadas do século passado, na fase pós ditadura, houve um readvento cultural em Portugal. É fato que o intercâmbio cultural com o Brasil e com as outras ex-colônias, principalmente as ilhas e Angola, enriqueceram o ambiente cultural luso, até então tão atrasado.

Autores como Jorge Amado, Érico Veríssimo e Drummond passaram a ser lidos com avidez, músicos como Chico Buarque, Caetano Veloso e Djavan passaram a ser adorados naquele país. Artistas angolanos do mesmo quilate passaram a fazer parte da cultura cotidiana portuguesa e, com isso, Portugal se independeu definitivamente das marcas deixadas pelo Salazarismo, readquiriu personalidade própria e conseguiu, pela primeira vez na história da humanidade, trazer um prêmio Nobel de Literatura para um escritor de língua portuguesa: José Saramago.

Este feito, de certa forma, funcionou como uma “faca de dois gumes”. Gerou uma dicotomia interessante no aspecto literário português: de um lado Saramago, ostentado, visionado e bem posicionado frente à mídia, e de outro, uma gama tão interessante quanto de autores, que ficaram apagados pelo próprio sucesso do autor de “Ensaio sobre a cegueira” e que não foram por sua vez, aclamados pela crítica internacional.

Autores com estilos e formas incomparáveis, de literatura belíssima e riqueza gramatical; do mesmo nível (ou até superiores) que o próprio Saramago e outros autores contemporâneos (como Salman Rushdie, Ernest Hemmingway, Paul Auster, Isabel Allende, Antonio Skármeta, Jorge Luiz Borges e Garcia Marques), surgiram e estão até os tempos atuais em produção brilhante em Portugal; mas o problema, é que a mídia, assim como cobriu este ícones todos, só o fez para Saramago.

Este quase preconceito ocorre talvez, pela literatura lusitana ser bem artística e às vezes complexa; talvez pelo não formato de “Best-Seller” que possuem as obras; talvez e o que seria lamentável — pela língua.

Fica então claro, que a literatura portuguesa de hoje transcende Saramago, transcende os profundos flertes com a filosofia e, mesmo gozando da despretensão de tratar do cotidiano, atinge o sublime através de “penas” menos ortodoxas das veias mais abertas da literatura — o retrato e a recriação do próprio homem. Atinge a qualidade e o belo do simples, através de entretenimento, qualidade e muita, mas muita arte.

LITERATURA BRASILEIRA

O que é literatura?



A literatura, como manifestação artística, tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor (o artista), com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas. O que difere a literatura das outras manifestações é a matéria-prima: a palavra que transforma a linguagem utilizada e seus meios de expressão. Porém, não se pode pensar ingenuamente que literatura é um “texto” publicado em um “livro”, porque sabemos que nem todo texto e nem todo livro publicado são de caráter literário.

A obra literária, pode ser entendida como um produto socioestético à proporção que é articulada por um ser social, o escritor, que escreve sobre determinada realidade a partir de uma ótica e uma escrita pessoais. Autor, obra e público formam um conjunto imprescindível para que a obra se configure enquanto produto social capaz de interferir na realidade. A obra literária tem o poder de modificar a realidade porque leva a pensar e a questionar sobre a condição social do ser humano e este, em pensando, pode ativar determinadas mudanças no comportamento e nas práticas sociais.

A literatura brasileira tem sua história dividida em duas grandes eras, que acompanham a evolução política e econômica do país: a Era Colonial e a Era Nacional, separadas por um período de transição, que corresponde à emancipação política do Brasil. As eras apresentam subdivisões chamadas escolas literárias ou estilos de época.



A ERA COLONIAL

- Quinhentismo (de 1500, ano do descobrimento, a 1601)
- Seiscentismo ou Barroco (de 1601 a 1768)
- Setecentismo (de 1768 a 1808)
- Período de Transição (de 1808 a 1836).
- Era Nacional
- Romantismo (de 1836 a 1881)
- Realismo (de 1881 a 1893)
- Simbolismo (de 1893 a 1922)
- Modernismo (de 1922 a 1945).



CORRENTES LITERÁRIAS

Quinhentismo

O Quinhentismo foi o período das manifestações literárias do século XVI (ou seja, a partir de 1500). O Brasil era recém descoberto e tudo o que tínhamos eram textos sobre o Brasil no ponto de vista dos europeus, uma literatura ligada ao Brasil, mas que denota as ambições e as intenções do homem europeu. As manifestações ocorridas se prenderam, basicamente, à descrição da terra e do índio, ou a textos escritos pelos viajantes, jesuítas e missionários que aqui estiveram.

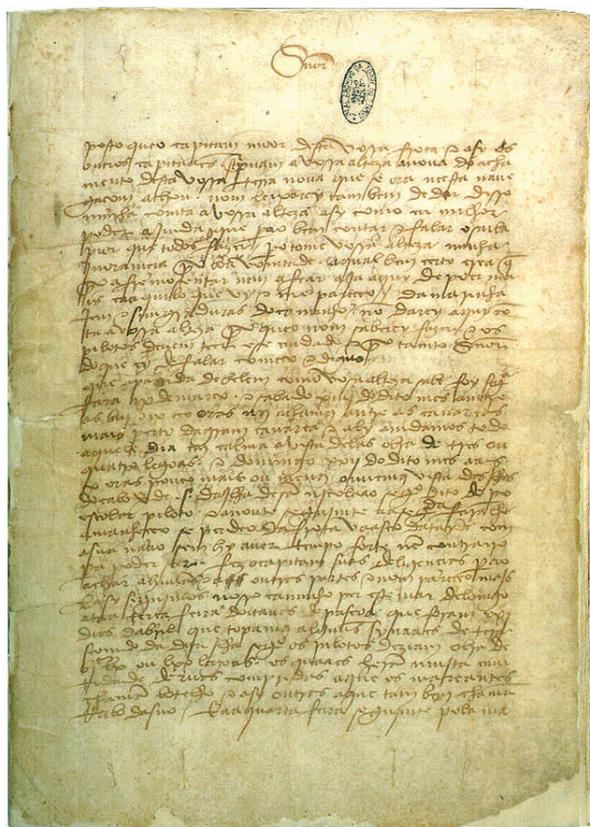
No quinhentismo, o que se demonstrava era o momento histórico vivido pela Península Ibérica, que abrangia a literatura informativa e a literatura dos jesuítas, como principais manifestações literárias no século XVI. Quem produzia literatura naquele período estava com os olhos voltados para as riquezas materiais (ouro, prata, ferro, madeira etc.), enquanto a literatura dos jesuítas preocupava-se com o trabalho de catequese.

A principal característica dessa manifestação é a exaltação da terra, resultante do assombro do europeu que vinha de um mundo temperado e se defrontava com o exotismo e a exuberância de um mundo tropical. Com relação à linguagem,

o louvor à terra aparece no uso exagerado de adjetivos, quase sempre empregados no superlativo (belo é belíssimo, lindo é lindíssimo etc.)

AS PRINCIPAIS OBRAS INFORMATIVAS ESCRITAS NO SÉCULO XVI

- A Carta de Pero Vaz de Caminha;
- História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil — Pero de Magalhães Gândavo;
- Tratado da Terra do Brasil — Pero de Magalhães Gândavo;
- Tratados da Terra e da Gente do Brasil — Fernão Cardim;
- Tratado Descritivo do Brasil — Gabriel Soares de Souza.



Original da carta de Vaz de Caminha.

Literatura jesuíta

Consequência da Contrarreforma, a principal preocupação dos jesuítas era o trabalho de catequese, objetivo que determinou toda a sua produção literária, tanto na poesia quanto no teatro. Mesmo assim, do ponto de vista

estético, foi a melhor produção literária do Quinhentismo brasileiro. Além da poesia de devoção, os jesuítas cultivaram o teatro de caráter pedagógico, baseado em trechos bíblicos, e as cartas que informavam aos superiores na Europa sobre o andamento dos trabalhos na colônia.

Ao realizar um exaustivo trabalho de catequese, José de Anchieta deixou uma fabulosa herança literária: a primeira gramática do tupi-guarani, insuperável cartilha para o ensino da língua dos nativos; várias poesias no estilo do verso medieval; e diversos autos, segundo o modelo deixado pelo poeta português Gil Vicente, que agrega à moral religiosa católica os costumes dos indígenas, sempre com a preocupação de caracterizar os extremos, como o bem e o mal, o anjo e o diabo.

Os principais jesuítas responsáveis pela produção literária da época foram o padre Manuel da Nóbrega, o missionário Fernão Cardim e o padre José de Anchieta.

José de Anchieta (1534-1597)

Nascido em 1534 na ilha de Tenerife, Canárias, o padre da Companhia de Jesus veio para o Brasil em 1553 e fundou, no ano seguinte, um colégio na região da então cidade de São Paulo. Faleceu na atual cidade de Anchieta, litoral do Espírito Santo, em 1597. A seguir poema escrito por ele.



OFICINA LEITORA

A Santa Inês

Cordeirinha linda,
Como **folga** o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá **lume** novo!

Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.

Por isso vos canta
Com prazer o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura
Fugirá depressa,
Pois vossa cabeça
Vem com luz tão pura.

Vossa formosura
Honra é do povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.

Virginal cabeça,
Pela fé cortada,
Com vossa chegada
Já ninguém pereça;

Vinde mui depressa
Ajudar o povo,
Pois com vossa vinda
Lhe dais lume novo.

Vós sois cordeirinha
De Jesus Formoso;
Mas o vosso Esposo
já vos fez Rainha.

Também padeirinha
Sois do vosso Povo,
pois com vossa vinda,
Lhe dais trigo novo.

José de Anchieta



GLOSSÁRIO

folga: se alegra.

lume: luz.

Barroco

O período conhecido como **Barroco**, ou Seiscentismo, é constituído pelas primeiras manifestações literárias genuinamente brasileiras ocorridas no Brasil Colônia, embora diretamente influenciadas pelo barroco europeu.

A Contrarreforma tentava restaurar a fé católica abalada desde o fim da Idade Média pelo Renascimento.

O estilo Barroco ou Seiscentista surge nas artes como expressão desse conflito, evidenciado pelos confrontos de estética: *luz x sombra*, *espírito x matéria*, *razão x fé*. O termo denomina genericamente todas as manifestações artísticas dos anos 1600 e início dos anos 1700. Além da literatura, estende-se à música, pintura, escultura e arquitetura da época.



No Barroco brasileiro, o grande destaque foi Gregório de Matos. Por ser irreverente e satírico ele recebeu o apelido de “Boca do Inferno”. Sua poesia pode ser classificada como lírica, religiosa, filosófica ou satírica.

Poesia Lírica: dualismo amoroso (carne X espírito), que leva a um sentimento de culpa cristão. A mulher é a personificação do pecado e da perdição espiritual (morte). O apelo sensorial do corpo se contrapõe ao ideal religioso. O poeta fica dividido entre o pecado (representado na mulher) e o espírito (cristianismo).

Poesia Religiosa: obedece aos fundamentos do Barroco europeu. Temas: amor a Deus, culpa, arrependimento, pecado, perdão. Linguagem culta, com inversões e muitas figuras de linguagem.

Poesia Filosófica: desconcerto do mundo, consciência da transitoriedade da vida e do tempo (*carpe diem*).

Poesia Satírica: Criticou todas as classes da sociedade baiana de seu tempo. Linguagem diversificada, com termos indígenas, africanos palavrões, gírias e expressões locais.

Seiscentismo

O século XVII é marcado pelo conflito **Paganismo x Cristianismo**. A **Contra-Reforma** tentava restaurar a fé católica abalada desde o fim da Idade Média pelo Renascimento.

O estilo Barroco ou Seiscentista surge nas artes como expressão desse conflito, evidenciado pelos confrontos de estética: luz x sombra, espírito x matéria, razão x fé.

AUTORES DO BARROCO

Gregório de Matos Guerra (1633-1696)

Sua poesia expressa tipicamente os conflitos humanos ligados à época: ora é sarcástica e erótica, ora é religiosa, exprimindo culpa e arrependimento.

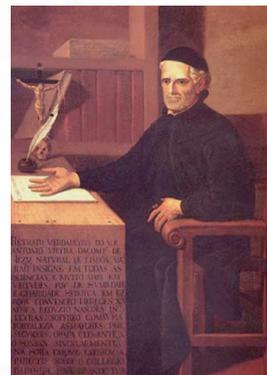
Obras:

- (1923) Lírica
 - (1929) Sacra
 - (1930) Graciosa
 - (1930) Satírica
 - (1933) Última
- (publicadas postumamente)



Padre Antonio Vieira (1608-1697)

Grande orador, seu estilo é riquíssimo, revelando perfeitamente os sentimentos do homem em relação a Deus. Preocupando-se também com os problemas sociais da colônia, como o aprisionamento de indígenas e o tráfico de escravos negros.



Obras:

- Sermões
- Cartas
- Arte de Furtar
- Clavis Prophetarum
- Quinto Império
- Quinto Império



Arcadismo

A partir do fim do século XVII e por todo o século XVIII, as artes retornam aos temas clássicos do Renascimento, o homem volta-se novamente para a razão e para a objetividade: é o século das luzes, das grandes descobertas científicas.

Características: Observa-se a retomada dos temas greco-latinos, a obediência a princípios e normas, o apuro formal, a rigidez e pureza dos versos e o combate aos excessos do Barroco.

ARCADISMO NO BRASIL

O Brasil nessa época vivia o auge do ciclo do ouro em Minas Gerais, tornando-se essa província o centro cultural e artístico do País. Lá se desenvolveu o Arcadismo e surgiram os maiores artistas árcades.

PRINCIPAIS AUTORES DO ARCADISMO BRASILEIRO

Cláudio Manuel da Costa (1729-1789)

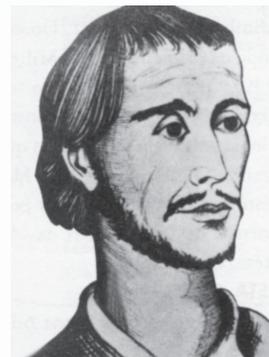
Considerado o maior poeta do Arcadismo brasileiro. Usa uma linguagem clara, racional mas vibrante, explorando como tema as paisagens mineiras e a realidade da mineração do ouro. É importante notar a descrição constante dos vales e montes na sua poesia, ao contrário de outros poetas árcades que descreviam os prados e as ribeiras como temas.

Suas principais obras são: **Obras Poéticas** (1768) e **Vila Rica** (1837), tendo ainda escrito peças teatrais musicadas, sendo conhecida apenas o **Parnaso Obsequioso**.

Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810)

É um poeta revolucionário dentro do Arcadismo brasileiro. Sua poesia leva um tom confessional, passional, que o aproxima do Romantismo.

Principais obras: **Marília de Dirceu**, escrita em três etapas. Canta o amor do poeta por uma jovem de 15 anos. **Cartas Chilenas**, sátira sobre a tirania e a cobiça dos administradores da Corte em Minas Gerais.



Romantismo

O Romantismo adotou a primazia do sentimento, reagindo contra as características racionalistas do Classicismo. O romântico é um sonhador, pretendendo modelar o mundo a seu gosto.

Apresenta um acentuado subjetivismo; prega a liberdade estética, retomando os temas da Idade Média; culto ao passado, valoriza o “eu” do homem, deixa-se dominar pela imaginação.

ROMANTISMO NO BRASIL

O Romantismo foi introduzido no Brasil em 1836 com a obra **Suspiros Poéticos e Saudades**, de Gonçalves de Magalhães. O Romantismo no Brasil se adaptou aos sentimentos nacionalistas da época, logo após a nossa independência política, adotando inicialmente como tema central o Indianismo. O índio substitui os heróis da Idade Média adotados na Europa, pois simboliza o elemento puro e é o único herói brasileiro do passado.

Os quatro grupos do Romantismo

1º grupo: Surge como manifesto romântico a Revista Brasileira. Influências inglesas e francesas, predominância do nacionalismo e do misticismo. Nota-se ainda alguma influência neoclássica.



Principais autores: Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Martins Pena, Varnhagen e outros.

2º grupo: (1840-1850) Aparece o Indianismo. Neste grupo acentua-se o nacionalismo brasileiro.

Principais autores: Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, José de Alencar e outros.

3º grupo: (1850-1860) Poesia lírica e subjetivista, com predominância da dúvida, da desilusão e da melancolia (mal do século). Acentua-se a prosa com Alencar, Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora.

Principais autores: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Manuel Antonio de Almeida, Junqueira Freire e outros.

4º grupo: Preocupação político-social ligada principalmente à luta do abolicionismo (condoreirismo).

Principais autores: Sousândrade, Tobias Barreto, Machado de Assis, Visconde de Taunay, Castro Alves e outros.

PRINCIPAIS AUTORES DO ROMANTISMO DO BRASIL

Antonio Gonçalves Dias (1823-1864)

É o principal representante do 2º grupo de românticos brasileiros. Sua poesia exalta sentimentos de brasilidade, evocando a natureza, a pátria e o canto das três raças que compõem o povo brasileiro: o português, o índio e o africano.



Obras:

- (1846) Primeiros Cantos
- (1848) Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão
- (1851) Últimos Cantos
- (1857) Os Timbiras

Escreveu ainda prosa e teatro, destacando-se no teatro a peça **Leonor de Mendonça** e na prosa **Meditação** (1846).



Manuel Antonio Álvares de Azevedo (1831-1852)

Representou no Romantismo o mal do século. Foi o poeta brasileiro que melhor se destacou entre os poetas românticos que sofreram influência de Byron (poesia pessimista ou satânica). Boêmio, morreu aos 21 anos, deixando da sua curta existência algumas das mais belas poesias líricas do romantismo brasileiro.



Obras:

- (1853) Lira dos Vinte Anos (poemas)
- O Conde Lopo
- (1855) A Noite na Taverna (prosa de ficção)
- (1855) Macário (teatro); Poema do Frade

Antonio de Castro Alves (1847-1871)

O maior poeta romântico brasileiro. Escreveu poesias nas quais denunciava a escravidão. Tais poesias são conhecidas como condoreiras, por sofrerem influência de Victor Hugo. Explorou temas românticos em que procura a idealização da mulher. Seus versos são de grande sonoridade, plasticidade e brilho, graças às metáforas, hipérboles e antíteses arrojadas.



Obras:

- (1870) Espumas Flutuantes
- (1876) Gonzaga ou a Revolução de Minas
- (1876) A Cachoeira de Paulo Afonso
- (1883) Os Escravos

José Martiniano de Alencar (1829-1877)

É conhecido como o maior prosador do Romantismo brasileiro. Seus romances abrangem vários temas: urbano, indianista, regionalista e histórico. Realizou obra imensa, tendo escrito ainda peças teatrais, crônicas, depoimentos e



poesias, mas o que o distingue na literatura é mesmo o romance, principalmente o romance indianista.

Obras:

- (1856) Cinco Minutos (urbano)
- (1857) O Guarani (indianista)
- (1862) Lucíola (urbano)
- (1862-1865) As Minas de prata (histórico)
- (1865) Iracema (indianista)
- (1870) O Gaúcho (regionalista)
- (1870) A Pata da Gazela (urbano)
- (1871) O Tronco do Ipê (regionalista)
- (1875) Ubirajara (indianista)
- (1875) Senhora (urbano)
- (1875) O Sertanejo (regionalista)
- No teatro destacam-se:
 - (1862) Mãe
 - (1867) Expição
 - (1875) O Jesuíta

Crônicas:

- (1874) Ao Correr da Pena.

Depoimento: (1863) Como e por que sou romancista.

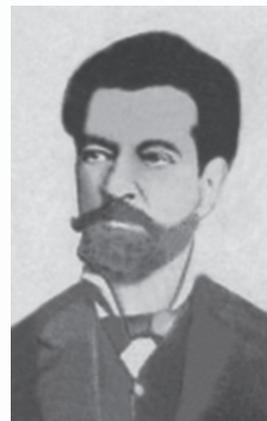
Poesia: Os Filhos de Tupã (épico).

Foi ainda crítico consagrado nos jornais da época.



Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884)

Destaca-se pela fixação de temas regionalistas em seus romances, sendo considerado o pai do sertanismo na literatura brasileira. Tratou ainda dos temas indianistas abolicionista e histórico.



Obras:

- (1869) O Ermitão de Muquém
- (1872) O Garimpeiro
- (1872) O Seminarista
- (1875) A Escrava Isaura
- (1877) Maurício

Escreveu poesias de pouco valor.



REALISMO E NATURALISMO

A Segunda Revolução Industrial, a partir da metade do século XIX, favoreceu um grande desenvolvimento das ciências. As novas teorias científicas enfocavam o homem apenas como ser biológico e social, sendo o espiritualismo abandonado.

A arte, como reflexo do meio, acompanha essa evolução: surgem o Realismo e o Naturalismo.

Características do Realismo: o Realismo é **documental**, encara a realidade objetivamente, interpreta os acontecimentos por meio de um retrato fiel dos fatos e personagens, procura mostrar a existência por intermédio das ciências, sem preocupações espiritualistas.

Características do Naturalismo: essa escola é **fundamentalmente experimental**, acrescentando às observações realistas as teorias do determinismo biológico e sociológico em voga na época. Seu tema é a sociedade decadente e o homem como animal, ou seja, como ser biológico, patológico e social.

Realismo-Naturalismo no Brasil

Realismo e Naturalismo não chegam a formar duas escolas diferentes, visto que há várias características comuns aos seus autores. Nesse sentido, parece mais lógico falar em Realismo-Naturalismo, ambos dissociáveis.

PRINCIPAIS AUTORES

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908)

Sua obra revela todo o pessimismo diante da vida. Com um humor sutil, sarcástico, revela extrema preocupação com a descrição do interior de seus personagens, dissecando-os por meio de suas ações e situações. Embora cultivasse vários gêneros literários, destacou-se nos romances e nos contos. É um dos maiores escritores brasileiros.



Obras:

Romances:

- (1881) Memórias Póstumas de Brás Cubas
- (1891) Quincas Borba
- (1899) Dom Casmurro
- (1904) Esaú e Jacó
- (1908) Memorial de Aires
- (1870) Contos Fluminenses



Contos:

- (1882) Papéis Avulsos
- (1884) Histórias sem Data
- (1889) Páginas Recolhidas
- (1906) Relíquias da Casa Velha

Teatro:

(1881) Tu, Só Tu, Puro Amor



Raul D'Ávila Pompeia (1863-1895)

Tem em destaque apenas uma obra: **O Ateneu** (1888), em que relembra o seu passado em um internato. A subjetividade do personagem na descrição de **O Ateneu** afasta-o do objetivismo realista. Sua técnica tem uma nítida aproximação com o Impressionismo.



Aluízio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913)

Iniciador do romance social com a obra **O Cortiço** (1885). Sua preocupação social denota uma tendência naturalista.

Obras:

- (1881) O Mulato
- (1884) Casa de Pensão
- (1885) O Coruja
- (1890) O Homem
- (1895) Livro de Uma Sogra



PARNASIANISMO

O Parnasianismo surge como uma reação contra o subjetivismo da escola romântica na poesia. A poesia parnasiana é fria, contida e objetiva, com uma grande preocupação formal, procurando sempre a perfeição do verso por meio da precisão da métrica e da rima. Define-se como **a arte pela arte**. Retoma os temas pagãos greco-latinos.

PRINCIPAIS AUTORES

Antonio Mariano Alberto de Oliveira (1857-1937)

É o poeta que melhor assimilou a forma parnasiana. Seus temas são voltados para a Grécia Antiga.

Obras:

- (1884) Meridionais
- (1885) Sonetos e Poemas
- (1895) Sonetos e Rimas
- (1900) Alma em Flor

Raimundo da Mota Azevedo Correia (1859-1911)

Autor de difícil interpretação, transcreve ideias filosóficas nas poesias parnasianas, sendo bastante impessoal.

Obras:

- (1883) Sinfonias
- (1887) Versos e Reversos
- (1891) Aleluias
- (1898) Poesias

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918)

Exalta o formalismo como expressão, de acordo com a teoria parnasiana de arte pela arte. Sua obra carrega uma grande carga lírico-amorosa, notando-se uma obsessão pela busca da beleza na forma.

Obras:

- (1888) Poesias
- (1906) Crítica e Fantasia
- (1906) Ironia e Piedade
- (1919) Tarde



SIMBOLISMO

Com a evolução das ciências e o conseqüente aparecimento de novas teorias científicas, o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo logo se esgotam. Surge então o Simbolismo.

Características: volta ao subjetivismo, valorização da palavra pela sua sonoridade, musicalidade e cores (uso de símbolos), aprofundamento do inconsciente. Os poetas recebem inicialmente o nome de “nefelibatas”, ou seja, “os que vivem nas nuvens”. Revaloriza-se o sonho.

SIMBOLISMO NO BRASIL

O primeiro manifesto simbolista aparece em 1891, através de Emiliano Pernetá, mas seu surgimento deu-se com **Broquéis**, de Cruz e Sousa, em 1893. Não chegou a formar uma escola no Brasil dada a sua breve duração. Foi muito importante como prenúncio do Modernismo.

PRINCIPAIS AUTORES

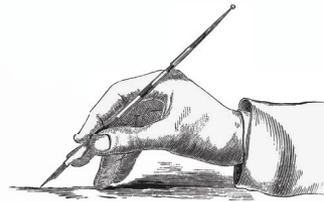
João da Cruz e Sousa (1861-1898)

Negro, filho de escravos, sua obra é um retrato da vida trágica que teve. Seus temas são tristeza, sofrimento, revolta e renúncia. Tem obsessão pela cor “branca”.

Obras:

Poesia:

- (1893) Broquéis
- (1900) Faróis
- (1905) Últimos Sonetos



Poemas em Prosa:

- (1893) Missal
- (1898) Evocações

Prosa: (1885) Trapos e Fantasias (em colaboração com Virgílio Várzea).

Afonso Henrique da Costa Guimarães

Alphonsus de Guimaraens (1870-1912)

Escreveu poesias lírico-amorosas, lírico-religiosas e de evasão. Sua obra só foi reconhecida postumamente por causa do isolamento em que viveu o poeta.



Obras:

Poesia:

- (1899) Setenário das Dores de Nossa Senhora
- (1899) Dona Mítica
- (1902) Kiriale
- (1923) Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte
- (1938) A Escola de Jacó
- (1960) Pulvis

Prosa:

- (1920) Mendigos

MODERNISMO

O começo do século XX é marcado pelas revoluções sociais e pela I Guerra Mundial. As estruturas tradicionais da sociedade são abaladas (Deus, Pátria, Família). A arte engaja-se nesses movimentos, passando a ter um sentido mais social. Procurando novos valores, o Modernismo reage contra as tradições acadêmicas.

MODERNISMO NO BRASIL

Manifestações modernistas já haviam aparecido em algumas obras anteriores a 1922: **Cinza das Horas** (1917), de Manuel Bandeira; **Há uma Gota de Sangue em Cada Poema** (1917), de Mário de Andrade, e **Juca Mulato** (1917), de Menotti Del Picchia.

A Grande Revolução Modernista, no entanto, começa com a **Semana de Arte Moderna**, em São Paulo, com a apresentação das obras modernistas de

autores brasileiros. Essa manifestação gerou muitos protestos e críticas, mas era esse exatamente o objetivo dos modernistas: chamar a atenção sobre a nova escola.

Após a Semana de Arte Moderna, o movimento dividiu-se em três gerações:

1ª GERAÇÃO MODERNISTA (1922-1930)

Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945)

Foi o idealizador da Semana de Arte Moderna. Transcreveu em suas obras as tradições populares brasileiras. Seu livro **Macunaíma** é um clássico da literatura brasileira.

Obras:

Poesia:

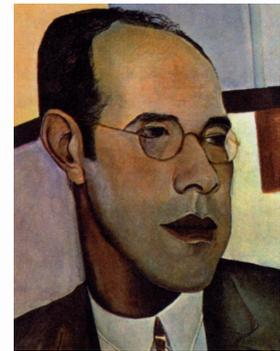
- (1917) Há uma Gota de Sangue em Cada Poema
- (1922) Pauliceia Desvairada
- (1926) Losango Cáqui
- (1927) Clã do Jabuti

Prosa:

- (1927) Amar, Verbo Intransitivo
- (1928) Macunaíma
- (1930) Remate de Males

Ensaio:

- (1925) A Escrava que não é Isaura



José Oswald de Souza Andrade (1890-1954)

Lançou o movimento Pau-Brasil, caracterizado pelo uso reduzido da linguagem. Abordou temas de nossa vida rural e urbana. Foi um grande inovador da nossa literatura.

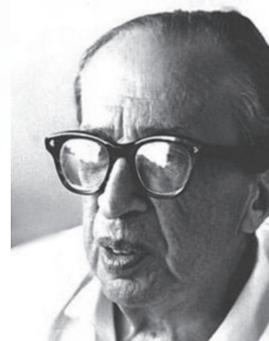


Obras:

- (1922) Os Condenados
- (1923) Memórias Sentimentais de João Miramar
- (1925) Pau-Brasil
- (1927) Estrela de Absinto
- (1933) Serafim Ponte Grande

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1886-1968)

Maior poeta da 1ª fase modernista. Sua poesia trata de assuntos cotidianos, revelando as angústias e misérias do homem. É também, por vezes, irônica e cética.

**Obras:**

- (1917) Cinza das Horas
- (1919) Carnaval
- (1924) Ritmo Dissoluto
- (1930) Libertinagem

Guilherme de Andrade Almeida (1890-1969)

Poeta lírico-nacionalista, sua obra é marcada por grandes acontecimentos nacionais: a Revolução Constitucionalista de 1932 e a entrada do Brasil na II Guerra Mundial.

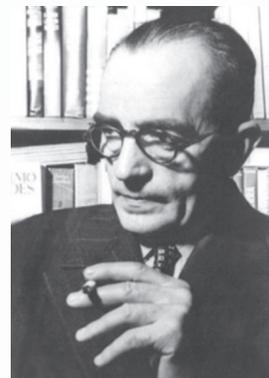
**Obras:**

- (1917) Nós
- (1919) A Dança das Horas
- (1925) Meu
- (1925) Raça
- (1932) Nossa Bandeira

2ª GERAÇÃO MODERNISTA (1930-1945)

Graciliano Ramos (1892-1953)

Grande romancista do Nordeste. Deixou-nos obras-primas como **Vidas Secas**, na qual mostra a miséria do sertanejo. Abordou ainda vários temas sobre os conflitos humanos, usando linguagem simples e expressiva.



Obras:

- (1933) Caetés
- (1934) São Bernardo
- (1936) Angústia
- (1938) Vidas Secas

José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957)

Dividiu suas obras em dois ciclos: o ciclo da cana-de-açúcar, em que analisa a vida nos engenhos de açúcar, dando-nos uma visão do homem nordestino e seus conflitos interiores e sociais; e o ciclo do cangaço, abordando a miséria do Nordeste, a qual leva o homem ao cangaço e ao fanatismo religioso.

Obras:

1º ciclo (cana-de-açúcar):

- (1932) Menino de Engenho
- (1933) Doidinho
- (1934) Bonguê
- (1936) Usina
- (1943) Fogo Morto

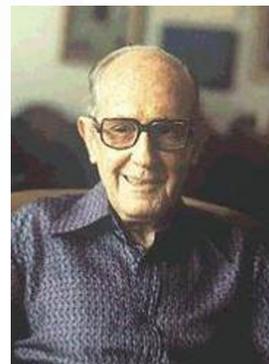
2º ciclo (cangaço)

- (1938) Pedra Bonita
- (1953) Cangaceiros



Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

O maior poeta brasileiro. Sua poesia está impregnada da terra e do povo, sendo ora pessimista, ora cética, chegando à crítica social. Sua poesia simples é carregada de lirismo. É um excelente contista e cronista.

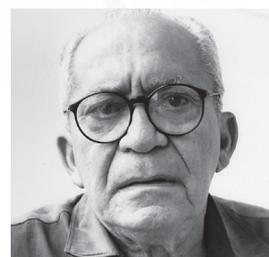


Obras:

- (1930) Alguma Poesia
- (1934) Brejo das Almas
- (1940) Sentimento do Mundo
- (1942) Poesias
- (1945) A Rosa do Povo
- (1952) Viola de Bolso
- (1952) Poemas
- (1967) Versiprosa

Érico Veríssimo (1905-1975)

Seus romances contam a história do Sul do Brasil por meio de epopeias, abordando ainda a denúncia social.



Obras:

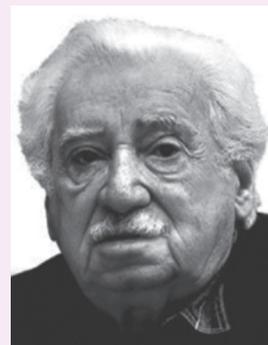
- (1933) Clarissa
- (1935) Caminhos Cruzados
- (1935) Música ao Longe
- (1938) Olhai os Lírios do Campo
- (1940) Saga
- (1948) O Tempo e o Vento I (O Continente)
- (1951) O Tempo e o Vento II (O Retrato)
- (1961) O Tempo e o Vento III (O Arquipélago)
- (1971) Incidente em Antares

Jorge Amado de Faria (1912–2001)

Regionalista, começa sua obra descrevendo a miséria do povo na Bahia. Seus livros prendem-se às tradições populares da Bahia.

Obras:

- (1931) O País do Carnaval
- (1933) Cacau
- (1936) Mar Morto
- (1937) Capitães da Areia
- (1943) Terras do Sem-Fim
- (1952) Os Subterrâneos da Liberdade
- (1958) Gabriela, Cravo e Canela
- (1961) Os Velhos Marinheiros
- (1967) Dona Flor e seus Dois Maridos
- (1970) Tenda dos Milagres
- (1977) Tieta do Agreste



Rachel de Queiroz (1910–2003)

Considerada por muitos a primeira autora feminista brasileira. Aborda também temas sociais.

Obras:

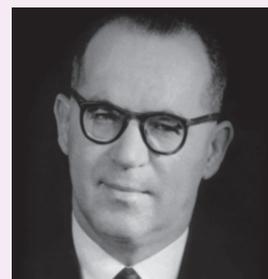
- (1930) O Quinze
- (1932) Caminho de Pedras
- (1939) As Três Marias



3ª GERAÇÃO MODERNISTA

João Guimarães Rosa (1908–1967)

Revolucionário da literatura brasileira. Recria uma linguagem regionalista. Seus romances retratam o sertão de Minas. É considerado o maior escritor brasileiro.



Obras:

- (1946) Sagarana
- (1956) Corpo de Baile
- (1956) Grande Sertão: Veredas

Clarice Lispector (1925-1977)

Introspecção substituindo ação: esse é o estilo da autora.

Obras:

- (1944) Perto do Coração Selvagem
- (1960) Laços de Família
- (1964) A Legião Estrangeira

**João Cabral de Melo Neto (1920-1999)**

De estilo despojado, os poemas do autor são musicais.

- Obras:
- (1942) Pedra do Sono
- (1945) O Engenheiro
- (1965) Morte e Vida Severina

AUTORES BRASILEIROS EM DESTAQUE**Zélia Gattai Amado (1916-2008)**

Escritora, fotógrafa e memorialista, foi casada com Jorge Amado durante cinquenta e seis anos. Aos 63 anos de idade publicou o livro de suas memórias, seu primeiro livro, **Anarquistas Graças a Deus**. Em 2001, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, para a cadeira 23, anteriormente ocupada por Jorge Amado, que teve Machado de Assis como primeiro ocupante e José de Alencar como patrono.



Obras:

Anarquistas Graças a Deus; Um Chapéu Para Viagem; Pássaros Noturnos do Abaeté; Senhora Dona do Baile; Reportagem Incompleta; Jardim de Inverno; Pipistrelo das Mil Cores; O Segredo da Rua 18; Chão de Meninos; Crônica de Uma Namorada; A Casa do Rio Vermelho; Cittá di Roma; Jonas e a Sereia; Códigos de Família; Um Baiano Romântico e Sensual.

Zíbia Gasparetto (1926)

Escritora espiritualista que ganhou notoriedade como médium. Seu primeiro romance psicografado em 1960 foi **O Amor Venceu**, assinado pela entidade Lucius. Desde então vem lançando um título por ano com enorme tiragem e sucesso de vendas.



Obras:

O Amor Venceu; O Morro das Ilusões; Bate-papo com o Além; Entre o Amor e a Guerra; O Matuto; Esmeralda; O Mundo em que eu vivo; Pedacos do Cotidiano; Laços Eternos; O Fio do Destino; Voltas que a Vida dá; Espinhos do Tempo; Quando a Vida Escolhe; Somos Todos Inocentes; Pelas Portas do Coração; A Verdade de Cada Um; Sem Medo de Viver; Pare de Sofrer; O advogado de Deus; Quando Chega a Hora; Ninguém é de Ninguém; Quando é Preciso Voltar; Tudo tem seu Preço; Tudo Valeu a Pena; Um Amor de Verdade; Nada é por Acaso; O Amanhã a Deus Pertence; O Repórter do Outro Mundo; Onde está Teresa?; Vencendo o Passado.

Paulo Coelho (1947)

Escritor, compositor, artista plástico, filósofo e ator. Em 1986, Paulo Coelho fez a viagem de peregrinação pelo Caminho de Santiago, experiência que relata em detalhes no livro **O Diário de um Mago**, editado em 1987. No ano seguinte, publicou **O Alquimista**, que, apesar de sua lenta vendagem inicial, se transformaria no livro brasileiro mais vendido de todos os tempos. É um dos mais importantes fenômenos literários do século XX. Chegou ao primeiro lugar da lista dos mais vendidos em 18 países e vendeu, até 2014, 150 milhões de exemplares. Está entre as personalidades que mais representam o país no exterior. Sua primeira biografia autorizada foi lançada



em 2008 por Fernando Morais, onde conta toda a trajetória do escritor vivo mais lido e traduzido do mundo.

Obras:

Arquivos do Inferno; Manual Prático do Vampirismo; O Diário de um Mago; O Alquimista; Brida; O Dom Supremo; As Valkírias; Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei; Maktub; O Monte Cinco; O Manual do Guerreiro da Luz; Veronika Decide Morrer; Palavras Essenciais; O Demônio e a Srta. Prym; Histórias para Pais, Filhos e Netos; Onze Minutos; O Gênio e as Rosas; O Zahir; A Bruxa de Portobello; Ser como o Rio flui; O Vencedor está Só.





MATERIAL DE APOIO

TABELA TRIGONOMÉTRICA

Ângulos em Graus	Senos	Cossenos	Tangente
1°	0,0175	0,9998	0,0175
2°	0,0349	0,9994	0,0349
3°	0,0523	0,9986	0,0524
4°	0,0698	0,9976	0,0699
5°	0,0872	0,9962	0,0875
6°	0,1045	0,9945	0,1051
7°	0,1219	0,9925	0,1228
8°	0,1392	0,9903	0,1405
9°	0,1564	0,9877	0,1584
10°	0,1736	0,9848	0,1763
11°	0,1908	0,9816	0,1944
12°	0,2079	0,9781	0,2126
13°	0,2250	0,9744	0,2309
14°	0,2419	0,9703	0,2493
15°	0,2588	0,9659	0,2679
16°	0,2756	0,9613	0,2867
17°	0,2924	0,9563	0,3057
18°	0,3090	0,9511	0,3249
19°	0,3256	0,9455	0,3443
20°	0,3420	0,9397	0,3640
21°	0,3584	0,9336	0,3839
22°	0,3746	0,9272	0,4040
23°	0,3907	0,9205	0,4245
24°	0,4067	0,9135	0,4452
25°	0,4226	0,9063	0,4663
26°	0,4384	0,8988	0,4877
27°	0,4540	0,8910	0,5095
28°	0,4695	0,8829	0,5317
29°	0,4848	0,8746	0,5543
30°	0,5000	0,8660	0,5774
31°	0,5150	0,8572	0,6009

Ângulos em Graus	Senos	Cossenos	Tangente
32°	0,5299	0,8480	0,6249
33°	0,5446	0,8387	0,6494
34°	0,5592	0,8290	0,6745
35°	0,5736	0,8192	0,7002
36°	0,5878	0,8090	0,7265
37°	0,6018	0,7986	0,7536
38°	0,6157	0,7880	0,7813
39°	0,6293	0,7771	0,8098
40°	0,6428	0,7660	0,8391
41°	0,6561	0,7547	0,8693
42°	0,6691	0,7431	0,9004
43°	0,6820	0,7314	0,9325
44°	0,6947	0,7193	0,9657
45°	0,7071	0,7071	1
46°	0,7193	0,6947	1,0355
47°	0,7314	0,6820	1,0724
48°	0,7431	0,6691	1,1106
49°	0,7547	0,6561	1,1504
50°	0,7660	0,6428	1,1918
51°	0,7771	0,6293	1,2349
52°	0,7880	0,6157	1,2799
53°	0,7986	0,6018	1,3270
54°	0,8090	0,5878	1,3764
55°	0,8192	0,5736	1,4281
56°	0,8290	0,5592	1,4826
57°	0,8387	0,5446	1,5399
58°	0,8480	0,5299	1,6003
59°	0,8572	0,5150	1,6643
60°	0,8660	0,5000	1,7321
61°	0,8746	0,4848	1,8040
62°	0,8829	0,4695	1,8807
63°	0,8910	0,4540	1,9626
64°	0,8988	0,4384	2,0503
65°	0,9063	0,4226	2,1445
66°	0,9135	0,4067	2,2460
67°	0,9205	0,3907	2,3559
68°	0,9272	0,3746	2,4751
69°	0,9336	0,3584	2,6051

Ângulos em Graus	Senos	Cossenos	Tangente
70°	0,9397	0,3420	2,7475
71°	0,9455	0,3256	2,9042
72°	0,9511	0,3090	3,0777
73°	0,9563	0,2924	3,2709
74°	0,9613	0,2756	3,4874
75°	0,9659	0,2588	3,7321
76°	0,9703	0,2419	4,0108
77°	0,9744	0,2250	4,3315
78°	0,9781	0,2079	4,7046
79°	0,9816	0,1908	5,1446
80°	0,9848	0,1736	5,6713
81°	0,9877	0,1564	6,3138
82°	0,9903	0,1392	7,1154
83°	0,9925	0,1219	8,1443
84°	0,9945	0,1045	9,5144
85°	0,9962	0,0872	11,4301
86°	0,9976	0,0698	14,3007
87°	0,9986	0,0523	19,0811
88°	0,9994	0,0349	28,6363
89°	0,9998	0,0175	57,2900
90°	1	0	—

RELAÇÕES TRIGONÔMÉTRICAS

	30°	45°	60°
Senos	$\frac{1}{2}$	$\frac{\sqrt{2}}{2}$	$\frac{\sqrt{3}}{2}$
Cossenos	$\frac{\sqrt{3}}{2}$	$\frac{\sqrt{2}}{2}$	$\frac{1}{2}$
Tangente	$\frac{\sqrt{3}}{2}$	1	$\sqrt{3}$

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Base Nacional Comum Curricular — Educação é a Base
(mec.gov.br)

Introdução (mec.gov.br)



Aprender Valor (bcb.gov.br)



Nosso Ensino Médio (nossoensinomedio.org.br)



MATERIAIS DE APOIO | EFAPE | Programa Currículo Paulista
(educacao.sp.gov.br)



EDUMATEC — Educação Matemática e Tecnologia Informática
(ufrgs.br)



Nova Escola | Conteúdos alinhados à BNCC
Plano Cartesiano: o que é, como fazer e exemplos — Significados
Para saber mais: <https://brasilecola.uol.com.br/matematica/teorema-tales.htm>



Para saber mais: Volume de sólidos geométricos: fórmulas e exem-
plos — Brasil Escola: <https://brasilecola.uol.com.br/matematica/volume-de-solidos-geometricos.htm>



Veja mais sobre “Teorema de Tales” em: <https://brasilecola.uol.com.br/matematica/teorema-ales.htm>



Veja mais sobre “Relação de Euler” em: <https://brasilecola.uol.com.br/matematica/relacao-euler.htm>



Teodolito — Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)



Portal do Professor — Ministério da Educação (mec.gov.br)



Volume — Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

